

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS SOBRE O PROCESSO DE
FORMAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ

ANDREA MARIA MELLO COSTA LIMA

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

ANDREA MARIA MELLO COSTA LIMA

Sob orientação do Professor

Dr. Wanderley da Silva

**PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO INSTITUTO
FEDERAL DO PARÁ**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ

2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M732 p MARIA MELLO COSTA LIMA, ANDREA , 1969-
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO INSTITUTO
FEDERAL DO PARÁ / ANDREA MARIA MELLO COSTA LIMA. -
2017.
58 f.

Orientador: Wanderley da Silva.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2017.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Autonomia. 3.
Educação Emancipatória. I. da Silva, Wanderley , 1965-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

ANDREA MARIA MELLO COSTA LIMA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Agrícola**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/07/2017.

Wanderley da Silva Prof.Dr. UFRRJ
(Orientador)

Lia Maria de Oliveira Teixeira Profa. Dra. UFRRJ

Renato da Silva Prof.Dr. UNIGRANRIO

À minha mãe Jacy Mello, que com sua fé, com suas orações e ações me animou na caminhada e ao meu pai “*in memoriam*” Osmar Costa, que é responsável pelos valores de honestidade e educação que trago comigo.

Ao meu companheiro Jean Lima que foi o primeiro a me dar coragem e incentivo para cursar o mestrado, que me deu segurança para ir mais longe, para realizar meu desejo; que cuidou dos nossos filhos nas minhas ausências.

Às minhas irmãs Adriana e Alessandra e meu irmão Adriano, que abdicaram de sua rotina para suprir minha ausência, pela dedicação aos meus filhos, nos momentos em que eu precisava viajar ou me concentrar nos estudos.

Aos meus sogros João e Rosa que sempre estiveram presentes.

Aos meus filhos João Davi e José Mateus, para que possam sempre trilhar caminhos na busca por uma sociedade mais justa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem Ele, nada teria acontecido e a Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu orientador professor Dr. Wanderley da Silva, que desde o primeiro contato foi responsável pelo meu crescimento acadêmico, pela sua paciência e por suas valorosas contribuições em todas as etapas desta pesquisa, sempre presente me mostrando o caminho a seguir.

Ao Diretor do Instituto Federal do Pará – *Campus* Castanhal, prof. Roberto Dias pelo apoio recebido, à gestão administrativa e pedagógica, prof. Reginaldo Pinheiro, prof. Everaldo Raiol e aos técnicos administrativos: Luís Paulo, Socorro Flor e Elano.

À Pro-reitora de Ensino do Instituto Federal do Pará Elinize Guedes Teodoro que autorizou a realização do estágio profissional na Pró-reitoria de ensino.

À Direção, Coordenação Pedagógica e estudantes da Escola Municipal “Dr. José João de Melo”, na qual realizei o estágio pedagógico, pela atenção recebida.

À Gleice Izaura da Costa Oliveira que me auxiliou com a documentação necessária, ouviu minhas primeiras ideias para esta pesquisa e através do diálogo, contribuiu nessa construção.

Ao colega de trabalho professor Fernando Sarmiento Favacho, que desbravou comigo os rios da Ilha do Marajó, pelo seu companheirismo e atenção.

Aos colegas do Instituto Federal do Pará: Shirley, Sandro, Suellen, João Tavares e Cícero, que contribuíram em momentos diversos, com documentação, diálogos e incentivo.

Aos colegas da turma de mestrado que cada qual a sua maneira estiveram comigo nessa caminhada e a todos os professores e técnicos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que contribuíram para a realização do mestrado.

E finalmente com muito carinho agradeço aos estudantes e seus familiares que possibilitaram essa pesquisa, que me acolheram em suas comunidades e contribuíram com suas histórias de vida para a realização desse estudo.

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível”.

(Paulo Freire)

RESUMO

LIMA, Andrea M. M. C. **Percepções de estudantes da educação de jovens e adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal Do Pará.** 2017. 58f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

A Educação de jovens e adultos remete à discussão sobre as experiências e saberes destes sujeitos adultos, a partir de múltiplas concepções e através de variadas percepções, como as dos professores e técnicos em educação. Todavia, interessava aqui conhecer principalmente a visão do estudante, e é neste sentido que esta pesquisa foi desenvolvida, com o objetivo de analisar as percepções dos estudantes da educação de jovens e adultos do Instituto Federal do Pará, *Campus* Castanhal, sobre o processo de formação no Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino médio, desenvolvido na Pedagogia da Alternância. Os referidos estudantes são moradores de áreas rurais, em cidades ribeirinhas, e foi tomada a decisão de investigar a relação entre os saberes experienciais e os saberes adquiridos na escola, como também, a importância dessa formação para as comunidades de origem. Todos os estudantes entrevistados estão inscritos no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Os discentes e os membros de suas comunidades são os sujeitos desta pesquisa qualitativa, que teve como instrumentos utilizados os questionários para traçar os perfis e estruturar as narrativas, através de entrevistas realizadas no IFPA e nas comunidades dos estudantes, nas quais foi possível realizar a observação do cotidiano. Com um olhar orientado para a decolonialidade e interculturalidade, refletimos sobre como essa formação pode contribuir na formação desse sujeito, apontando caminhos e possibilidades de atuação na área de educação de jovens e adultos, no confronto com os teóricos estudados, na perspectiva de educação emancipatória para os sujeitos desta formação. A partir dos resultados obtidos foi possível compreender e identificar a relevância da formação não só para os estudantes, como também para suas comunidades e os espaços que precisam ser dinamizados e construídos para o alcance de uma formação mais humana, que transponha a formação técnica, no diálogo e na valorização de culturas diversas e no desvelamento das desigualdades sociais, contribuindo assim com a formação de um sujeito crítico e protagonista de sua história.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos. Autonomia. Educação Emancipatória.

ABSTRACT

LIMA, Andrea M. M. C. **Perceptions of youth and adult education students about the training process at the Federal Institute of Pará.** 2017. 58p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

The education of young and adults refers to the discussion about the experiences and knowledge of these adult subjects, from multiple conceptions and through various perceptions, such as those of teachers and technicians in education. However, it was important to know the student's vision, and it is in this sense that this research was developed with the objective of analyzing the students' perceptions of youth and adult education at the Federal Institute of Pará, Castanhal Campus, about the formation process In the Agricultural Technical Course integrated to High School, developed in the Pedagogy of Alternation. These students are residents of rural areas, in riverside towns, and the decision was made to investigate the relationship between experiential knowledge and the knowledge acquired at school, as well as the importance of this formation to the communities of origin. All students interviewed are enrolled in the National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education, in the form of Youth and Adult Education - PROEJA. The students and members of their communities are the subjects of this qualitative research, which used the questionnaires to draw profiles and structure the narratives through interviews at IFPA and the students' communities, where it was possible to observe the daily life. With a focus on decoloniality and interculturality, we reflect on how this formation can contribute to the formation of this subject, pointing out ways and possibilities of action in the area of youth and adult education, in the confrontation with the theoretic reference, in the perspective of emancipatory education for the subjects of this training. Based on the results obtained, it was possible to understand and identify the relevance of training not only for students, but also for their communities and the spaces that need to be dynamized and constructed to reach a more humane formation that transposes technical training in the dialogue and the valuation of diverse cultures and the unveiling of social inequalities, thus contributing to the formation of a critical subject and protagonist of his history.

Key words: Youth and Adult Education. Autonomy. Emancipatory Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARIC	Association Internationale pour la Reserche Interculturelle
EBPT	Educação Básica profissional e tecnológica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EJA-EPT	Educação de Jovens e Adultos articulada com a Educação profissional e tecnológica
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – <i>Campus Castanhal</i>
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MEC	Ministério da Educação
MORIVA	Movimento dos ribeirinhos e ribeirinhas das ilhas e várzeas de Abaetetuba
PNE	Plano Nacional de Educação
PPC	Plano pedagógico de Curso
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SINDIPESCA	Sindicato de Pesca
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Mesorregião do Marajó- Estado do Pará	5
Figura 2 - Descrição do percurso formativo do curso de técnico em agropecuária integrado ao ensino médio na modalidade PROEJA.....	16

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixos do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal	15
Quadro 2 – Tempos Formativos e Atividades.....	17
Quadro 3 - Eixo do 2º Ciclo: Sistemas de Produção, Pesquisa e Gestão Socioeconômica.....	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O PROEJA E SEUS SUJEITOS NO IFPA - CAMPUS CASTANHAL	8
2.1	Um Breve Histórico sobre o PROEJA e sua inserção no IFPA	8
2.2	Dialogando com Autores e com Experiências de EJA	11
2.3	Construindo a autonomia através das narrativas	14
2.4	Ações de Formação no IFPA – <i>Campus</i> Castanhal com a Turma de PROEJA	15
3	(RE)VISITANDO O PERCURSO FORMATIVO SOB A PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE E DECOLONIALIDADE	18
3.1	Interculturalidade Trançada na Decolonialidade	18
3.2	Do Plano à ação: Perspectivas de Mudanças	20
4	NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO FORMATIVO DO PROEJA: ESTUDANTES E COMUNIDADES DESVELANDO O SER E O SABER	23
4.1	Conhecendo os Educandos e Suas Comunidades	23
4.1.1.	Perfil dos Educandos	23
4.1.2.	Trajetórias Escolares dos Estudantes do PROEJA	23
4.2	PROEJA no IFPA – <i>Campus</i> Castanhal: Do Processo Seletivo à Sala de Aula: o Que as Falas nos Revelam	25
4.3	Vozes das Comunidades: Descobrimo Quem São os Sujeitos e Quais os Significados da Formação em Seu Contexto	36
4.3.1.	Perfil dos Membros das Comunidades	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6	REFERÊNCIAS	46
7	APÊNDICES	49
	Apêndice A - Questionário para caracterização do perfil socioeconômico dos estudantes participantes da pesquisa	50
	Apêndice B - Questionário para caracterização do perfil socioeconômico dos membros das comunidades participantes da pesquisa	51
	Apêndice C - Roteiro para entrevista com os estudantes participantes da pesquisa	52
	Apêndice D - Roteiro para entrevista com os membros das comunidades participantes da pesquisa	54
	Apêndice E - Termo de consentimento Livre e esclarecido	55
8	ANEXO	57
	Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	58

1 INTRODUÇÃO

Considerando as políticas educacionais para a educação de jovens e adultos esta pesquisa procura investigar como se dá esse processo educacional, buscando compreender as relações e seus significados; a partir das percepções dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O PROEJA sendo uma modalidade de ensino instituída pelo governo federal desde 2005 consiste numa política pública que tem como objetivo a escolarização e a formação profissional de jovens e adultos e tem como perspectiva a proposta de integração da educação profissional à educação básica.

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), *Campus Castanhal*, a primeira oferta de PROEJA ocorreu em 2006, por meio de uma parceria com o Instituto Nacional de Colonização Nacional da Reforma Agrária (INCRA) com uma turma do Programa Nacional da Reforma Agrária (PRONERA). O Curso Técnico de nível médio em Agropecuária, com ênfase em agroecologia foi ofertado para estudantes oriundos dos projetos de assentamentos da reforma agrária.

Na visão da pesquisadora, o ingresso desta turma foi um marco importante, pois ampliou a abrangência da atuação do *Campus*; uma vez que deu início a um processo de ressignificação curricular que foi sendo construído no diálogo com as comunidades de assentados, no nordeste do Pará. Os movimentos sociais, os sindicatos, as associações passaram a fazer parte no planejamento das ações educativas no *Campus Castanhal*.

Estes estudantes vinham de assentamentos, nos quais desenvolviam atividades na agricultura familiar que não podiam ser abandonadas durante todo o ano letivo, já que serviam para sua subsistência e de suas famílias. Então, para contemplar a realidade desse público foi adotada a Pedagogia da Alternância; na qual os estudantes iriam trilhar o seu percurso formativo alternando tempos de estudos na escola e nas comunidades onde residiam.

A Pedagogia da Alternância surgiu em uma aldeia na França, em 1935, com o objetivo de atender as necessidades de agricultores que queriam oferecer aos seus filhos um ensino que não desvinculasse os mesmos da aldeia; aliando estudo, trabalho e formação humana. Sobre essa perspectiva, Ribeiro ressalta:

A Pedagogia da Alternância é uma expressão polissêmica que guarda elementos comuns, mas que se concretiza de diferentes formas: conforme os sujeitos que as assumem, as regiões onde acontecem as experiências, as condições que permitem ou limitam e até impedem a sua realização e as concepções teóricas que alicerçam suas práticas. Com esse cuidado e de modo amplo, pode-se dizer que a Pedagogia da Alternância tem o trabalho produtivo como princípio de uma formação humanista que articula dialeticamente ensino formal e trabalho produtivo. (RIBEIRO, 2008, p. 28).

Nessa concepção a Pedagogia da Alternância proporciona uma formação contínua, pois o estudante constrói conhecimentos tanto na escola, quanto na comunidade. Ao relacionar a teoria com a prática; reflete, experimenta e constrói novos conhecimentos.

Imbuídos em desenvolver um projeto que realmente fosse significativo para os estudantes, a escola e os representantes do movimento social optaram pela Pedagogia da Alternância, na qual a formação se alternaria entre escola e comunidades, oportunizando a articulação entre teoria e prática; com objetivo inclusive de permanência destes no curso.

Neste momento, estava como Coordenadora Geral de Ensino no *Campus*, que ainda era Escola Agrotécnica, e essa nova proposta de ensino se configurava como um desafio para todos os envolvidos nesse processo. Foram muitas as dificuldades, desde o planejamento diferenciado com os professores até as ações realizadas em conjunto com a equipe pedagógica para evitar a discriminação e o preconceito que estes estudantes receberam tanto dos estudantes dos outros cursos, como de uma parcela de servidores e professores.

Como coordenadora e membro da equipe pedagógica, na época, participei de visitas às comunidades desses estudantes durante o período em que eles voltavam para as suas casas (tempo comunidade) e foi muito relevante e gratificante ouvir os estudantes e seus familiares fazerem a relação entre a educação técnica recebida na escola e as práticas realizadas em suas comunidades.

Os estudantes desta turma concluíram seus estudos no início de 2010 e como não havia mais o convênio com o INCRA, no ano letivo de 2009, a Escola já como Instituto Federal, passou a ofertar o Curso Técnico em Agropecuária, integrado ao Ensino Médio, atendendo ao PROEJA. De 2009 até a presente data, anualmente são ofertadas turmas para atender comunidades de assentamentos, quilombolas, ribeirinhos, cooperados de economia solidária e agroextrativistas. Estes estudantes para ingressarem no IFPA participam de processo seletivo diferenciado, através de entrevistas e seguem um calendário escolar no qual permanecem cerca de 30 dias na escola e 30 dias em suas comunidades.

Diante deste contexto e ainda fazendo parte da Comissão de Assessoramento Pedagógico no *campus* e devido minha formação como pedagoga e vivência profissional, é que surge a preocupação e o motivo principal desta pesquisa.

A proposta deste estudo é investigar “Qual a percepção destes estudantes sobre a formação profissional ofertada no curso Técnico em Agropecuária na modalidade de PROEJA?”.

Ao procurarem formação no ensino técnico, quais são suas expectativas, seus desafios, suas motivações e se o curso está sendo desenvolvido de forma satisfatória; assim como investigar se esta formação está tendo relevância em suas comunidades.

Face o exposto, a dissertação ora apresentada relata investigação realizada com o objetivo geral de: Analisar as percepções dos jovens e adultos da turma do 2º ano do PROEJA sobre o processo de formação no Curso Técnico em Agropecuária no IFPA- *Campus* Castanhal.

Para o alcance deste objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar, a partir das narrativas dos estudantes, em que aspectos o processo de formação do ensino técnico em agropecuária tem importância em suas vidas;
- 2) Investigar as possíveis relações entre as ações desenvolvidas durante o percurso formativo, os saberes e as vivências das histórias de vida dos estudantes;
- 3) Verificar a contribuição dos estudantes para o desenvolvimento local de suas comunidades, na percepção de suas famílias.

Nesse ínterim, esta pesquisa foi realizada no IFPA - *Campus* Castanhal, localizado no município de Castanhal, no nordeste paraense, distando 65 km de Belém, capital do estado do Pará.

O IFPA foi criado pela lei 11.892/2008, em 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Conforme definição na Lei:

Art. 2o Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino,

com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei. (BRASIL, 2008, p.1).

O IFPA possui em sua estrutura 18 *campi*, localizados nas seguintes cidades: Belém, Castanhal, Abaetetuba, Polo Avançado Vigia de Nazaré, Bragança, Cametá, Paragominas, Tucuruí, Santarém, Polo Avançado de Ananindeua, Conceição do Araguaia, Breves, Óbidos, Itaituba, Marabá rural, Marabá Industrial, Altamira e Parauapebas; que oferecem cursos na Educação Básica, Ensino Superior e Pós-graduação.

Apesar da criação do instituto ser recente, o *Campus* Castanhal, na verdade já completou 94 anos de história. Sua história inicia no ano de 1921, com o nome de Patronato Agrícola Manoel Barata. Este patronato foi fundado através do Decreto nº 15.149 de 1921, no distrito de Icoaraci, em Belém, na ilha do Caratateua – Outeiro. A partir daí a instituição passou por várias reformas educacionais, recebendo diversas nomenclaturas. (OLIVEIRA, ROCHA, 2007).

Nessa trajetória de mudanças, a instituição em 1934, passou a denominar-se Aprendizado Agrícola do Pará, através do Decreto nº 24.115 de 12.03.1934; posteriormente, em 1939, foi transformado em Ginásio Agrícola Manoel Barata e em 1968 recebeu nova denominação: Colégio Agrícola Manoel Barata. Já no ano 1972 foi transferido para o município de Castanhal e em 04/09/1979 recebeu a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Castanhal-PA, através do decreto nº 83.935 e somente na década de 80 tem a oferta do ensino de 1º e 2º graus regulamentada pelo Ministério da Educação e Cultura. (OLIVEIRA, ROCHA, 2007).

Na década de 90, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) e o Decreto 2.208/97 (BRASIL, 1997) trouxeram importantes mudanças na organização do ensino desta instituição. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do IFPA - *Campus* Castanhal (2013), desde a sua criação até adotar hoje sua atual denominação como Instituto Federal do Pará – *Campus* Castanhal, o mesmo contribuiu significativamente com o desenvolvimento agrário e com o ensino agrícola da região.

Atualmente, o IFPA *Campus* Castanhal oferece cursos de Educação básica (Técnico integrado, PROEJA e subsequente), Cursos de graduação (Bacharelado em Agronomia, Tecnologia em Aquicultura, Licenciatura em Computação) e pós-graduação *Stricto sensu* (Mestrado profissional em Desenvolvimento rural e Gestão de empreendimentos agroalimentares) atuando em três eixos tecnológicos: Recursos naturais (Técnico em agropecuária, Técnico em Florestas, Tecnólogo em Aquicultura), Ambiente e Saúde (Técnico em Meio Ambiente), Produção alimentícia (Técnico em Agroindústria) e Informação e comunicação (Técnico em Redes de Computadores). O IFPA *Campus* Castanhal estuda as possibilidades de oferecer novos cursos a partir de 2017 e ao final da pesquisa poderá apresentar um cenário diferente de oferta de cursos.

Uma instituição quase centenária que já transitou por diversas formas de ensino que traz na sua história acontecimentos marcados por várias tendências educacionais e que vêm agregando novas culturas, novos pensamentos, novos caminhos de construir saberes.

Neste sentido, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa dos dados, por ser mais participativa,

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a

analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MORESI, 2003. p. 8-9).

Partindo da premissa que importa ouvir a voz dos estudantes jovens e adultos, para que se possa compreender o seu universo, é que essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa dos dados e tem a narrativa como técnica de coleta de dados.

De acordo com o pensamento de Souza (2006), essa técnica de investigação não só valoriza os conhecimentos das experiências vividas dos sujeitos adultos em formação, como também leva estes sujeitos a tomarem consciência de si e de suas aprendizagens, quando vivem os papéis de ator e investigador de sua própria história.

Como técnica de coleta de dados, a escolha foi pelas narrativas, em função de que as pesquisas que dizem respeito à formação dos estudantes sobre seu processo de formação são em maior número realizadas a partir da visão dos pesquisadores, gestores e professores e não a partir da ótica dos estudantes. Desta forma foram realizadas entrevistas com estes estudantes e seus familiares ou membros das comunidades para verificação da relevância desta formação em suas vidas.

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso, abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras. (MORAES, 2000. p. 81).

Como a proposta da pesquisa é dar voz aos principais sujeitos deste processo, os dados foram tratados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011), oportunizando assim maior possibilidade de descobertas e uma compreensão maior sobre a expressão dos estudantes e de suas famílias.

Os sujeitos desta pesquisa são estudantes do PROEJA, que no ano de 2015 estavam cursando o segundo ano do ensino médio integrado ao ensino técnico, na modalidade de alternância, em uma turma composta por 35 jovens e adultos, sendo 08 do sexo feminino e 27 do sexo masculino. São oriundos das ilhas do Marajó; das cidades de Portel, Melgaço, Bagre, Currálinho e Abaetetuba, na faixa etária de 19 a 37 anos. Sua subsistência provém de atividades agroextrativistas, como a cultura do açaí, da mandioca e da pesca do camarão e sua renda per capita ficava em torno de 0 a 2 salários mínimos. O mapa abaixo demonstra a localização das cidades nas quais os estudantes residem na mesorregião do Marajó, no Estado do Pará.

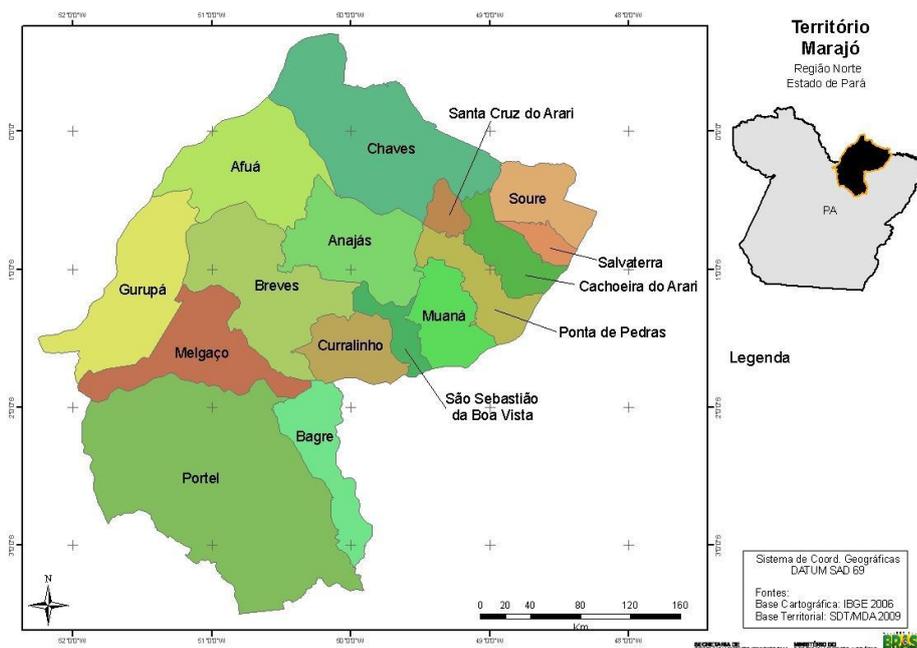


Figura 1 - Mapa da Mesorregião do Marajó- Estado do Pará

Fonte: MDA/SDT (2009) mafds.websimples.info

Inicialmente, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UFRRJ para análise e autorização, a qual foi aprovada sob o número 752/2016 (Anexo A), sendo os instrumentos utilizados as entrevistas semiestruturadas e os questionários. Participamos de reunião com a Direção Geral do *Campus* Castanhal para explicações e solicitação de autorização para realização da pesquisa e realizamos visitas à turma e às suas comunidades para esclarecimentos sobre o desenvolvimento da pesquisa e recolhimento dos Termos de consentimento.

Foram escolhidos aleatoriamente 10 (dez) estudantes da turma e 05 (cinco) membros de suas famílias. A opção por este número de sujeitos foi uma estratégia para envolver todas as cidades dos estudantes, sendo 02 estudantes de cada cidade e 01 membro da comunidade de cada cidade. Esta escolha foi realizada de acordo com o interesse e consentimento em fazer parte desta pesquisa. A escolha dos estudantes aconteceu no IFPA-*Campus* Castanhal e as escolhas dos membros das famílias ocorreram durante as visitas às comunidades, em reuniões com as famílias dos estudantes.

O roteiro das entrevistas foi organizado em uma linguagem simples para possibilitar a compreensão e clareza das perguntas e organizadas em três tópicos, onde foram verificados:

- Aspectos pessoais dos estudantes;
- Aspectos referentes às ações de formação no curso;
- Aspectos referentes à relevância desta formação em suas comunidades, através dos estudantes e também de suas famílias.

Para caracterizar o perfil dos estudantes e de suas comunidades, aplicamos questionários com questões abertas e utilizamos ainda a observação participante através das observações realizadas durante as visitas às comunidades, com intenção de verificar a articulação entre os saberes empíricos e os conhecimentos construídos por estes durante o processo formativo.

As entrevistas foram realizadas no IFPA, *Campus* Castanhal e nas comunidades e foram gravadas para posterior análise e tratamento dos dados obtidos. Os dados foram

analisados de acordo com Bardin (2011), sendo o procedimento realizado em três fases denominadas pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados.

Na perspectiva de que todos os sujeitos que são conhecedores da realidade devem participar do processo educacional; o planejamento das ações de formação na Educação de Jovens e adultos deve pautar pela participação de todos os que estão inseridos neste contexto. Este entrelaçar de histórias de vidas, de reconhecimento identitário, saberes, legislações, metodologias e concepções, poderá contribuir com um fazer pedagógico que possibilite a formação de sujeitos sociais.

Ao oportunizar estes estudantes a refletirem e discutirem sobre a formação no curso técnico em agropecuária, na modalidade da educação de jovens e adultos; acredita-se que desenvolverão uma percepção de que a construção de conhecimentos acontece nas trocas sociais, na convivência com diferenças, nos erros e acertos, nos desafios; maturando assim o ato de aprender a desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre a realidade.

Estes sujeitos poderão contribuir com a formação da consciência social em suas comunidades e com a construção de projetos emancipadores, que resgate e valorize suas histórias, memórias e identidade, inclusive sendo capazes de denunciar processos deformadores da prática social.

Para a realização deste estudo nos fundamentamos em alguns autores que tratam das temáticas: Educação de jovens e adultos, Autonomia e Educação emancipatória, Decolonialidade e Interculturalidade. Sendo assim nos embasamos em Freire (1977, 1979, 1996, 2005, 2011, 2014), Arroyo (2005), Mota Neto (2016), entre outros. E para orientar o método de pesquisa qualitativa e as narrativas, estudamos os autores: Souza (2006), Moresi (2003), Deslandes, Gomes e Minayo (2009) e Bardin (2011).

Decidimos utilizar uma obra possivelmente menos explorada de Freire (1977), se comparada com outras mais citadas, como fio condutor das nossas reflexões e análises, por entendermos que esse trabalho de Freire pode nos dar uma proximidade da dimensão cultural e simbólica na qual está implicada a educação.

Esta obra suscita reflexões sobre a importância da educação nos processos emancipatórios, pois descreve as experiências do autor em Guiné-Bissau na descolonização daquele país e ressalta o papel primordial da educação naquela realidade, para mudança e formação do povo.

É o registro de uma experiência que foi realizada em permanente diálogo de construção com aquela comunidade, na valorização das experiências individuais e coletivas dos sujeitos sociais, no respeito às necessidades e significados do povo; o que acreditamos que poderá nos trazer subsídios para este estudo.

Ao ancorarmos nossa pesquisa neste trabalho de Freire (1977), na analogia entre aquela realidade e o contexto de nossos estudantes do PROEJA, que estão inseridos tanto na modalidade de EJA como na Educação do Campo; buscamos discutir como se dá essa relação entre a teoria e a prática, na perspectiva de formação para a vida; através das narrativas dos estudantes e de suas famílias.

Neste sentido, compartilhamos no primeiro capítulo as reflexões sobre o PROEJA e seus sujeitos no IFPA - *Campus* Castanhal; iniciando com um breve histórico sobre este Programa e sua inserção no IFPA e realizamos uma analogia entre a obra de Freire (1977) e a realidade do PROEJA no *lócus* da pesquisa. Trazemos ainda as contribuições de autores que discutem sobre a autonomia e educação emancipatória, fazendo uma relação com o método escolhido para o trabalho. E para finalizar, descrevemos o cenário do Curso PROEJA no IFPA - *Campus* Castanhal, assim como a sua organização didática no Projeto Pedagógico do Curso.

No segundo capítulo foi realizada uma re(visita) ao percurso formativo sob a perspectiva da interculturalidade e decolonialidade, no qual primeiramente situamos as

discussões sobre interculturalidade e decolonialidade, refletindo sobre como o curso vem sendo desenvolvido e o quefazer do cotidiano dos estudantes e posteriormente apresentamos aspectos que podem ser modificados na formação para uma educação que se aproxime mais da realidade dos estudantes.

As considerações sobre o percurso formativo dos estudantes estão presentes no terceiro capítulo; nele estão expostas as narrativas dos participantes, suas trajetórias e suas percepções sobre este processo educacional e sobre a relevância desta formação para suas comunidades. Para dar densidade analítica ao conteúdo das narrativas, relacionamos as análises de alguns dos autores que sustentam nosso trabalho e dividimos em categorias de acordo com as questões evidenciadas nas entrevistas. No último capítulo, foram analisados os objetivos propostos frente aos resultados percebidos e constatamos a importância desta formação para os sujeitos dessa pesquisa e a necessidade de uma formação mais humana, que não vise somente o conhecimento técnico, mas uma educação que possa contribuir na emancipação e autonomia destes sujeitos em sua realidade. O estudo nos revelou a importância da valorização dos saberes dos estudantes nas discussões e planejamentos da escola, no sentido de trilharmos uma formação dialógica, mais significativa e em constante reflexão e construção de novas possibilidades de educação.

2 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O PROEJA E SEUS SUJEITOS NO IFPA - CAMPUS CASTANHAL

Neste capítulo refletimos sobre o PROEJA, fazendo um breve histórico sobre sua criação e o cenário de ofertas de cursos desta modalidade no IFPA e analogicamente à obra de Freire (1977) realizamos uma análise sobre o processo de formação dos estudantes. Fundamentados nesta obra e nos estudos de outros autores procuramos fazer uma leitura sobre a realidade da educação de jovens e adultos, no contexto do curso Técnico em Agropecuária, na modalidade de PROEJA, na Pedagogia da Alternância, do IFPA - *Campus Castanhal*.

Ainda neste capítulo, buscamos esclarecer o porquê da utilização das narrativas, no sentido de fortalecimento do processo de construção da autonomia destes estudantes, como sujeitos sociais, numa perspectiva emancipatória.

E ao final, explanamos como são organizadas na instituição as ações de formação com as turmas de PROEJA. Com base no Projeto Pedagógico do curso, apresentamos a proposta filosófica e pedagógica do curso que é aplicada na Pedagogia da Alternância, destacando os eixos integradores que deverão permear todo o processo formativo dos estudantes.

2.1 Um Breve Histórico sobre o PROEJA e sua inserção no IFPA

Instituído pelo Governo Federal em 24 de junho de 2005, através do Decreto nº 5.478/2005, o PROEJA, surgiu com a denominação de Programa de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de jovens e adultos, sendo dirigido somente ao Ensino Médio. Porém, devido questionamentos de estudiosos do tema, que justificavam a necessidade de ampliação da oferta, o mesmo foi substituído pelo Decreto nº 5.840, de 13 de Julho de 2006.

O programa teve, inicialmente, como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Anteriormente ao Decreto nº 5.478/2005, algumas instituições da Rede já desenvolviam experiências de educação profissional com jovens e adultos, de modo que, juntamente com outros profissionais, a própria Rede, instituições parceiras, gestores educacionais e estudiosos dos temas abrangidos pelo Decreto passaram a questionar o programa, propondo sua ampliação em termos de abrangência e aprofundamento em seus princípios epistemológicos. (BRASIL, 2007, p. 12).

Como consequência destes questionamentos, o programa foi ampliado e passou a ser denominado de Programa Nacional de Integração da Educação profissional com a Educação básica, na modalidade de Educação de jovens e adultos. Passou a ser incluído o Ensino Fundamental e as entidades proponentes foram ampliadas para a rede estadual e municipal; assim como para as entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional.

No documento base do PROEJA o programa se configura na perspectiva humanística, para que atenda às necessidades e realidade deste público, conforme abaixo:

Nesse sentido, o que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos

e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele. (BRASIL, 2007, p. 13).

Desta forma, na visão do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o PROEJA surge como uma proposta de mudança no cenário brasileiro, um desafio para todos os envolvidos com o objetivo de possibilitar que a educação de jovens e adultos, historicamente desvalorizada e marcada por descontinuidades de políticas públicas; se assegure como uma modalidade de educação que tenha seu espaço garantido no contexto educacional brasileiro.

De acordo com o documento base do PROEJA:

O PROEJA, é pois, uma proposta construída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só se materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social. (BRASIL, 2007, p. II).

Para atender a Lei de Diretrizes e Bases para a oferta de vagas na EJA e os indicadores de oferta da Lei de Criação dos Institutos Federais, consta como ação prevista no Plano da Pró-reitoria de ensino do IFPA; o fortalecimento da oferta de PROEJA nos *campi*, uma vez que somente 03 ofertavam vagas no processo seletivo, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em 2015.

Para o cumprimento desta ação, a metodologia seria que todos os *campi* ofertassem pelo menos 1 (uma) turma de PROEJA em 2016 e que o curso fosse preferencialmente integrado. O Plano estabelecia que aqueles *campi* que não tivessem corpo docente suficiente para atuar na educação básica, deveriam aderir a programas e convênios com as redes municipais ou estaduais de ensino.

Esta ação iria atender às metas do Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 25 de junho de 2014, para o período 2014-2024, no qual consta que os Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica têm um papel importante no cumprimento à oferta de EJA na Educação profissional e tecnológica (EPT), mais precisamente nas metas 10 e 11,

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

Meta 11: triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos cinquenta por cento da expansão no segmento público. (BRASIL, 2014, p. 69).

Com base nesta legislação, o IFPA, através da Pró-reitoria de ensino elaborou um documento para os *Campi*, denominado: "Orientações Básicas para implantação/ampliação da educação profissional no âmbito da educação de jovens e adultos – EJA-EPT/IFPA 2015", no qual esclarece que os Institutos federais deveriam implantar cursos e programas regulares do PROEJA.

A tabela 1 demonstra a oferta de PROEJA no IFPA, em agosto de 2016.

Tabela 1 - Quantidade de Matrículas Total na Educação Básica Profissional Tecnológica - EBPT e na Educação de Jovens e Adultos/ Educação Profissional e Tecnológica (EJA-EPT) no IFPA

<i>CAMPUS</i>	QUANTIDADE DE MATRÍCULAS TOTAL NA EBPT	QUANTIDADE DE MATRÍCULAS EJA-EPT
ABAETETUBA	910	0
ALTAMIRA	292	0
ANANINDEUA	*111	0
BELÉM	2085	0
BRAGANÇA	306	0
BREVES	150	0
CASTANHAL	854	*152
CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA	458	0
ITAITUBA	235	0
PARAUPEBAS	396	0
MARABÁ RURAL	*800	*60
MARABÁ INDUSTRIAL	297	0
SANTARÉM	368	0
TUCURUÍ	596	72
CAMETÁ	*166	0
ÓBIDOS	250	0
PARAGOMINAS	446	120
VIGIA	130	0

Nota: Dados extraídos do Sistema SIGAA em 26/08/2016, às 11h52min.

(*) Ativos, não matriculados no sistema em 2016 (dados fornecidos verbalmente pelas secretarias dos *campi*).

Fonte: Dados da pesquisa.

Desta forma, percebemos que até 2016, a oferta de turmas na EJA-EPT não era expressiva e precisava ser fortalecida, daí o acompanhamento e orientações para que os dirigentes dos *campi* se sensibilizassem com a situação e fomentassem discussões para elaboração de planos e propostas de curso nesta modalidade.

No IFPA - *Campus* Castanhal o curso do PROEJA é pautado nos documentos oficiais do MEC e no Plano do Curso Técnico em Agropecuária integrado com o ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos com alternância pedagógica e enfoque agroecológico (PPC) de 2013. Este PPC coloca que

O ensino voltado à realidade do campo constitui uma das metas do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará – IFPA- *Campus* Castanhal, a qual, juntamente com as organizações dos Agricultores Familiares, vem construindo projetos integrados de ensino médio com o técnico em agropecuária, com enfoque agroecológico, valorizando o saber dos agricultores e utilizando metodologias que permita a formação integral dos nossos educandos. (IFPA, 2013, p.11).

A primeira experiência de PROEJA no IFPA - *Campus* Castanhal se deu em 2006, conforme já citado na introdução deste documento, com o ingresso da turma do Programa

Nacional da Reforma Agrária (PRONERA). Esta turma foi constituída por jovens e adultos oriundos dos projetos de assentamentos da reforma agrária, sendo matriculados no Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, que foi oferecido em parceria com o INCRA.

Atualmente, o IFPA - *Campus* Castanhal tem turmas de PROEJA, no Curso Técnico de nível médio em Agropecuária, para comunidades que trabalham na Economia Solidária e no agroextrativismo.

2.2 Dialogando com Autores e com Experiências de EJA

Estudar sobre as percepções de estudantes sobre a formação no curso técnico em agropecuária, do PROEJA; é percebê-los em suas trajetórias humanas, perpassadas de vivências, saberes, expectativas, experiências positivas e negativas sobre o processo educacional; extrapolando as pesquisas técnicas sobre currículos e legislações e pensar em jovens e adultos que buscam a construção de sua autonomia e inserção no cenário social, por meio da educação.

Segundo Arroyo (2005) os “jovens-adultos” mesmo que tenham ficado fora da escola por alguns anos, não paralisaram os processos de sua formação identitária, ética, social, cultural e política. De acordo com esta concepção, acreditamos que ao desenvolvermos este projeto com base na recolha e na análise de narrativas orais destes sujeitos construiremos uma análise reflexiva sobre o processo de formação no qual estão inseridos; uma vez que a utilização da pesquisa narrativa no contexto educacional privilegia a participação ativa dos sujeitos.

Concordamos que a narrativa

[...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história. (SOUZA, 2006, p. 26).

Estas aprendizagens não se desenvolvem apenas no espaço escolar, mas de forma contínua e permanente em todos os processos de vivência e das relações com o mundo. Assim sendo, acreditamos que o estudante ao assumir a posição de ator e investigador do seu processo de formação no Curso Técnico em Agropecuária; estará fortalecendo sua autonomia, ao pensar sobre sua prática permeada das teorias aprendidas e experiências.

Freire (1977) em seu livro “*Cartas à Guiné-Bissau*”, relata sua experiência de constatar que por meio da educação aquele país foi reestruturado em seus significados sociais, políticos e os sujeitos tiveram suas identidades e sua cultura valorizadas e contribuíram na construção de um novo país; desfazendo as amarras com o colonialismo português que explorava o povo daquele país.

Freire destaca que ao fazer parte da equipe para contribuir na reconstrução do país, mais particularmente na educação de adultos, trabalhou juntamente com os educadores e educandos guineenses e não sobre ou simplesmente para eles. E que isto foi importante na realização do projeto.

Fazendo uma analogia entre as comunidades citadas por Freire (1977) e os estudantes do Proeja Agroextrativista, percebemos que assim como em Guiné, primeiramente precisamos conhecer os problemas centrais que estes enfrentam no seu processo formativo e que isso não vai ser obtido somente através dos documentos oficiais, como o Plano do Curso Técnico em

Agropecuária integrado com o Ensino Médio (PPC) do PROEJA e sim através dos próprios estudantes que são os sujeitos deste processo de formação.

Em Guiné, o projeto era dedicado a jovens e adultos que não eram alfabetizados, diferindo da realidade do IFPA - *Campus* Castanhal, onde os jovens do PROEJA são estudantes de curso técnico integrado com o Ensino Médio.

Essa analogia que ora se faz, é realizada com base nas experiências vividas pela pesquisadora junto a estes estudantes e dos documentos que tratam sobre este processo formativo; dados estes que serão confrontados posteriormente com as entrevistas que serão realizadas com os estudantes e suas comunidades.

Outros aspectos a serem observados: A escola na Guiné era herdada do sistema colonialista e era uma escola para poucos, o que também percebemos que ocorre no Brasil e mais particularmente nos Institutos Federais de Educação; nos quais os interessados para ingressarem submetem-se a exames de seleção para aprovação. Diante desta situação, muitos não alcançam êxito. E o PROEJA é apresentado como alternativa para esta situação, uma vez que os moradores das comunidades agroextrativistas são submetidos a processo seletivo diferenciado para oportunizar o acesso ao curso técnico e o curso é realizado na pedagogia da alternância.

O PROEJA é um programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de Educação de jovens e adultos que propõe a integração da educação profissional à educação básica, buscando a superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual. Conforme o Ministério da Educação o trabalho precisa ser assumido na perspectiva criadora e não alienante. Neste aspecto, percebemos a semelhança com o trabalho desenvolvido por Freire na Guiné, no qual desde o princípio havia esta preocupação em superar a dualidade trabalho manual x trabalho intelectual.

Esta situação, conforme Freire (1977) gera resistências ideológicas, na qual o professor era visto como ser possuidor de conhecimentos, que detinha o intelectualismo, e que o trabalho manual deveria ser desenvolvido separadamente sem uma visão crítica por aqueles que não possuíam conhecimentos e que eram “adestrados” somente para produzir o trabalho, sem entender o processo de trabalho.

Na analogia realizada observamos que Freire (1977) não trabalhou no projeto com uma visão fechada, estática e sim construiu juntamente com os educadores e educandos daquelas comunidades uma experiência diferenciada, única; por acreditar que as realidades deveriam ser respeitadas, procurando evitar ou reverter ao máximo a desqualificação dos referentes culturais dos estudantes.

Dentre estas experiências em Guiné, surgiu o projeto “Escola do Campo”, que tinha como objetivo deslocar os estudantes e professores para áreas rurais; para que convivendo com os camponeses aprendessem a fazer a relação entre estudo e trabalho. O que se assemelha a metodologia que utilizamos no PROEJA; diferenciando-se no aspecto que em Guiné, os estudantes não moravam na área rural, apenas deslocavam-se para aprender com os camponeses. Já no IFPA - *Campus* Castanhal os estudantes do PROEJA são oriundos da área rural, agroextrativistas que ao retornarem para suas comunidades durante o tempo-comunidade na pedagogia da alternância, aplicam os conhecimentos técnicos construídos no curso em seu próprio local de moradia, no qual possuem atividades agroextrativistas e vivem de sua produção.

Neste aspecto destacamos que parece haver um interesse maior por parte dos nossos estudantes, pois necessitam de tais conhecimentos para aplicarem em suas propriedades, já que sobrevivem do que produzem; enquanto que naquela realidade em Guiné, Freire (1977) observa em seus relatórios que alguns estudantes no início tiveram dificuldade em realizar o trabalho manual e que somente com o decorrer das atividades, iam se familiarizando com as atividades produtivas, as quais iam discutindo nos seminários a cada ida para o campo.

Nestes seminários eram discutidos como derivar da atividade produtiva os conteúdos programáticos das disciplinas; buscando a unidade entre teoria e prática, através da reflexão crítica sobre a prática realizada. Analogicamente, no Curso do PROEJA vivenciamos este exercício de discutir nos seminários de planejamento do tempo-escola; como fazer o diálogo das disciplinas/conteúdos que precisam ser trabalhados com a prática realizada pelos estudantes em suas comunidades; buscando valorizar os saberes experienciais, sem omitir conhecimentos necessários à sua formação.

Isto, através de uma reflexão crítica sobre o trabalho, sobre a prática realizada por estes nas disciplinas técnicas, buscando um aprendizado significativo para as aulas. De acordo com Freire (1977), na perspectiva revolucionária, é preciso que os estudantes conheçam sua história e a importância de “fazer história”, como sujeitos críticos que pensam e decidem os rumos de sua trajetória e não ficam na posição passiva de apenas receber conhecimentos prontos que são transmitidos descontextualizados da realidade. Diz o autor:

[...] o que se impõe de fato, não é a transmissão ao povo de um conhecimento previamente elaborado, cujo processo implicasse no desconhecimento do que o povo já sabe e, sobretudo, de que o oferece de forma desorganizada. O que vale dizer, conhecer com o povo a maneira como o povo conhece e os níveis de seu conhecimento. Isto significa desafiá-lo, através da reflexão crítica sobre sua própria atividade prática, portanto sobre as finalidades que a motivam, a organizar os seus achados, superando, assim a mera opinião sobre os fatos por uma cada vez mais rigorosa apreensão e explicação dos mesmos. (FREIRE, 1977, p. 17-18).

Ressalta a necessidade de refletir com o povo, de ver e ouvir, indagar e discutir para conhecimento e análise conjunta da realidade. Freire (1977) coloca que durante a realização daquele trabalho tornavam a realidade como uma “codificação” que precisava ser decodificada com todos os que faziam parte daquele contexto.

Portanto, desenvolver um projeto de pesquisa com estes estudantes, implica reconhecer e respeitar os seus saberes experienciais, suas trajetórias e suas percepções. Este respeito é possível a partir da interação com eles e da compreensão de sua realidade. Alguns estudantes já estão há muitos anos sem estudar e chegam à escola com crenças e valores já formados, adquiridos ao longo de sua existência. Existência essa que precisa ser vista, que não pode ficar invisível perante a sociedade.

Estes saberes necessitam de um olhar além das legislações e dos parâmetros da educação, para que se entendam as especificidades da educação de jovens e adultos, pois conforme as diretrizes curriculares nacionais da EJA “alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional”. (BRASIL, 2000, p. 31).

Assim, pretendemos através destes estudantes do PROEJA, que são agricultores extrativistas e detentores de saberes sobre sua realidade, compreender os sentidos e significados acerca da relevância desta formação em seu cotidiano.

Isto implica pensar na escola como um centro de transformação, de produção de novos conhecimentos, de busca de autonomia; representando um espaço para discussão de políticas públicas que atendam aos anseios e necessidades destes povos que tem sua cultura diversificada na Amazônia paraense.

Este movimento de conflito entre saberes não escolares e saberes acadêmicos é salutar, pois permite que novos conhecimentos sejam construídos e que a dinâmica da escola, os objetivos e a metodologia estejam em constante construção. Ressaltando que quando Freire (2011) defende a valorização dos saberes da experiência, afirma a importância de “partir deste

saber” e não “ficar nele”; uma vez que é direito de todos descobrirem a razão de ser das coisas.

Diante deste contexto, este estudo também poderá trazer contribuições à construção da autonomia destes estudantes para que se percebam como sujeitos sociais, que transformam a sua curiosidade ingênua e crítica em conhecimento; sendo capazes de promover mudanças significativas nos processos sociais. E, segundo Freire (1996) discutir e desenvolver no espaço escolar uma prática educativo-progressista, fundamentada na ética e no respeito à dignidade.

2.3 Construindo a autonomia através das narrativas

Situar os estudantes em posição de protagonistas da história, como narradores de situações vivenciadas, e demonstrar que há interesse por estas falas, por estas experiências; é despertar nestes a autoconfiança em si e na sua responsabilidade perante a comunidade e à sociedade em geral.

De acordo com Souza (2006), as narrativas proporcionam a quem narra um maior conhecimento de si mesmo e dos sujeitos significativos em sua vida. Ao refletir sobre sua trajetória escolar, sobre seu percurso formativo, o estudante poderá compreender melhor o processo no qual está inserido, se redescobrimo como sujeito ativo e consciente de sua ação no mundo.

Nesse sentido, a tomada de consciência poderá contribuir com intervenções em seu contexto social, propiciando novas aprendizagens, novas leituras e decisões sobre sua realidade. Sobre isso Freire (1996, p. 107) pontua que “[...] uma pedagogia da autonomia tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.

Respeitar os estudantes em suas histórias ricas de diversos saberes que se traduzem em conhecimentos valiosos para a humanidade torna-se um desafio para a escola regular com seus calendários e horários escolares rígidos. Sobre este respeito, Freire reflete:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser, formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 64).

Não basta o discurso e nem os textos constantes nos documentos oficiais e nos projetos políticos pedagógicos das escolas se a escola não acredita neste saber, se a visão é colonialista, se suas práticas pedagógicas são autoritárias, se a autonomia não é centrada em uma educação para a liberdade. Sobre esta educação e da visão de homem nesta perspectiva,

O homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando distorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da história e o da cultura. (FREIRE, 2014, p. 58).

Ao se reconhecer sujeito transformador, o homem sai da posição de mero espectador que lhe foi imputada e torna-se sujeito de sua própria existência. Para Castoriadis (1992a apud VALLE, 2008, p. 506) “a autonomia não é fechamento em um sentido originário (psíquico ou sócio histórico), mas, muito pelo contrário, a própria possibilidade de questionamento desses sentidos instituídos e de instituição de novos sentidos.”.

2.4 Ações de Formação no IFPA – *Campus Castanhal* com a Turma de PROEJA

Para compreensão da estrutura e das ações desenvolvidas com a turma de PROEJA, faremos uma apresentação das principais diretrizes que constam no PPC do Curso Técnico em Agropecuária integrado com o Ensino Médio, na modalidade PROEJA, do IFPA - *Campus Castanhal*.

De acordo com o PPC do curso, o objetivo geral do curso é:

Formar Técnicos em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, para que através de um elevado nível de conhecimento sejam capazes de se inserir no mundo do trabalho de maneira ética e crítica. (IFPA, 2013. p. 13).

O Curso tem a duração de três anos e possui carga horária total de 4.709 horas, sendo 4.309 horas de disciplinas e 360 horas de estágio. A carga horária das disciplinas é desenvolvida da seguinte forma: 3.315 horas no Tempo Escola (aulas na escola) e 994 horas no Tempo Comunidade (atividades realizadas nas comunidades). Constam ainda como obrigatórias a comprovação de 20 horas de atividades complementares e 20 horas de projetos integradores.

É desenvolvido na Pedagogia da Alternância, na qual os estudantes permanecem em média 30 dias na escola, tempo este que denominamos de “Tempo-escola” e 30 dias nas comunidades, período que denominamos de “Tempo-comunidade”. O calendário letivo é organizado com 36 tempos alternados entre escola e comunidades. Durante o tempo-escola, as aulas são realizadas integralmente em dois turnos com 5 (cinco) horas-aulas cada, para contemplar a carga horária de cada disciplina. Da carga horária total de cada disciplina é previsto setenta por cento na escola e trinta por cento em atividades durante o tempo-comunidade.

Conforme o PPC, o ensino integrado é realizado a partir de eixos integradores; no qual as atividades curriculares envolvidas em cada eixo se articulam para um objetivo comum, que deve orientar as discussões e os conteúdos a serem estudados. O eixo integrador e os eixos norteadores deverão permear o percurso formativo dos estudantes. Abaixo o quadro demonstrativo dos eixos constantes no PPC do curso:

Quadro 1 - Eixos do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal do Pará – *Campus Castanhal*

EIXO INTEGRADOR	EIXOS NORTEADORES
Desenvolvimento sustentável com base na politecnia e valorização dos saberes dos sujeitos sociais do meio agropecuário e extrativista na Amazônia	1º CICLO: Diagnóstico sociocultural e agroambiental do <i>campus</i> castanhal e das comunidades onde os educandos fazem parte
	2º CICLO: Sistemas de produção, pesquisa e gestão socioeconômica.
	3º CICLO: Desenvolvimento territorial no campo e a função mediadora da assessoria técnica e extensão rural.

Fonte: IFPA. PPC, 2013, p. 25.

Para justificar a definição dos eixos, o PPC explica que:

As disciplinas a serem ministradas, bem como seus conteúdos programáticos, foram organizados em função das necessidades de estudar a realidade agrícola e agrária da região e estão concentradas pelos três eixos norteadores. Estes eixos dialogam com os eixos estabelecidos nas Diretrizes Nacionais de formação profissional: Sociedade, Ciência e Tecnologia; Cidadania e Mundo do Trabalho e Pesquisa Tecnológica. (IFPA, 2013. p. 25).

Com relação à metodologia, são realizadas atividades que possibilitam ao estudante fazer a relação entre teoria e prática, evitando a dicotomia entre o saber e o fazer, através de diversas estratégias pedagógicas. Para cada tempo comunidade há um eixo que dialoga com as disciplinas técnicas que o estudante está estudando naquele ciclo e os professores através de reuniões com os técnicos, planejam as atividades diagnósticas que os estudantes deverão desenvolver nas suas comunidades, para subsidiar o planejamento das aulas que serão realizadas no próximo período, orientados pelo percurso formativo, conforme expresso no Plano pedagógico do curso:



Figura 2 - Descrição do percurso formativo do curso de técnico em agropecuária integrado ao ensino médio na modalidade PROEJA

Fonte: IFPA. PPC, 2013, p. 26.

Alguns professores da turma e técnicos do IFPA realizam a visita aos estudantes nas comunidades para conhecer o cotidiano destes e orientar o desenvolvimento dessas atividades. Os estudantes ao retornarem para a escola participam de uma socialização, na qual apresentam e discutem as atividades realizadas durante o tempo-comunidade. Este é um momento rico de troca de experiências, partilhas e aprendizado, no qual os professores participam para conhecer a realidade dos estudantes e contribuir na construção de conhecimentos que serão trabalhados durante as aulas.

O quadro abaixo que consta no PPC do Curso demonstra os tempos formativos e atividades que são realizadas pelos estudantes nos diferentes espaços de formação.

Quadro 2 – Tempos Formativos e Atividades

Tempos Formativos	Atividades
a. Tempo Escola	a.1. Diálogo de Saberes
	a.2. Construção Coletiva do Plano de Pesquisa-Ação (Definição das Problemáticas de Pesquisa, Organização da Pesquisa)
	a.3. Sistematização da Pesquisa (a partir da 2ª alternância)
b. Tempo Comunidade	b.1. Pesquisa-Ação
	b.2. Partilha de Saberes

Fonte: IFPA. PPC, 2013. p. 27.

Quanto ao sistema de avaliação, de acordo com o PPC, deverá ser desenvolvido de forma ampla, consensual e contínuo; com pesquisas de campo, atividades individuais e coletivas e produções científicas e culturais. Cabe ressaltar que o instituto encontra-se em processo de reformulação de PPC's e que poderá apresentar alterações até o final da pesquisa.

3 (RE)VISITANDO O PERCURSO FORMATIVO SOB A PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE E DECOLONIALIDADE

O percurso formativo do Curso Técnico em Agropecuária organizado para os estudantes da turma PROEJA que são os sujeitos dessa pesquisa, é planejado de acordo com a legislação e experiências anteriores do IFPA - *Campus* Castanhal, sendo que o PPC que orienta a formação é único, independente do público a que se destina e é neste cenário que escrevemos este capítulo, para refletir sob qual ângulo o percurso formativo vem sendo desenvolvido no Instituto.

3.1 Interculturalidade Trançada na Decolonialidade

Refletir sobre a interculturalidade é refletir sobre o colonialismo que perdura nas nossas relações sociais e educacionais, nas quais os saberes dos povos tradicionais, são desvalorizados e criticados, gerando uma perpetuação de poder às classes dominantes, sejam essas na política, na educação ou em qualquer outro segmento social.

É comum escutarmos nos cenários educacionais que os estudantes que vêm da área rural são “fracos em conhecimento” e que têm dificuldades de aprendizagem, inclusive se estendendo esta afirmação para os estudantes da EJA. Esta atitude descarta qualquer saber que estes estudantes possuem e que poderá contribuir com a construção de novos saberes.

Partindo dessa concepção, acreditamos que o movimento de discussão, de partilha, de escuta, deve ser contínuo, dialético no desenvolvimento de qualquer ação educativa que esteja comprometida com a transformação social. De um lado, podemos ter documentos muito bem escritos que defendam essa prática social, porém no cotidiano essas afirmações poderão se esvair perante a rotina e o fazer diário.

O ato do diálogo para descoberta de novos caminhos exige um desprendimento das certezas e isso gera um desconforto, pois não é somente adaptar ao que já se tem construído e sim construir o novo para atender os sujeitos em suas diferenças; em suas múltiplas identidades. Conforme Freire (1979, p. 16) “O homem não é, pois, um homem para adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais [...]”, mais humano e liberto de sua condição de desumanizado.

Percebemos durante as visitas às comunidades, na observação do cotidiano dos estudantes uma relação muito forte com o rio, com a floresta, em virtude de que no seu dia-a-dia tudo está ligado a essa convivência com a natureza. O transporte, o alimento, a sobrevivência, vêm do rio, da floresta e possivelmente sua cultura, suas crenças são moldadas nessa relação. Ao chegarem ao *Campus* com esse modo próprio de viver convivem com outras culturas dos jovens urbanos e nesta convivência, sobressai-se muitas vezes a cultura urbana que marginaliza a cultura das populações que vivem na área rural. Sobre essas diferenças culturais, André (2012, p. 22) coloca que “[...] não há uma hierarquia cultural, no sentido de uma cultura ser melhor que a outra. Desse modo, podemos pensar que também não deveria existir uma hierarquia entre as diferenças fazendo um indivíduo superior ao outro”.

Os estudantes da turma agroextrativista do Curso PROEJA do IFPA, *Campus* Castanhal possuem uma riqueza cultural que precisa ser discutida, visualizada e respeitada no cruzamento com outras culturas no espaço escolar e conforme Perrenoud (2004 apud ANDRÉ, 2012, p. 25), “devemos levar em conta as diferenças e tomar cuidado para que elas não se transformem em desigualdades”. Neste aspecto o percurso formativo não pode negar a

cultura e negar conhecimentos a fim de evitar o silenciamento dos saberes, dos modos de pensar e viver destes povos.

Sobre esta concepção,

Propomos que o conceito de decolonialidade seja entendido, a despeito de sua diversidade, como um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação. (MOTA NETO, 2016, p. 44).

Transitar entre os saberes dos estudantes, entre suas diversidades se faz necessário para a valorização das suas histórias e de seus interesses,

Ora, não é possível enfrentar a invasão cultural, a colonialidade e o colonialismo intelectual e pedagógico se não aprendermos a estabelecer outra relação com o saber local, com as histórias de vida dos educandos, com as necessidades concretas dos movimentos sociais, com os desejos e os medos das classes populares. (MOTA NETO, 2016. p. 324).

Esta relação que trata Mota Neto pode, no nosso entendimento, ser descrita como imprescindível na busca por uma pedagogia decolonial. Como exemplo real, relatamos uma visita realizada às comunidades dos estudantes para acompanhamento do tempo comunidade e observação do cotidiano destes. O cruzamento dos conhecimentos técnicos obtidos no IFPA, relatados pelos estudantes no momento da socialização das atividades, com os saberes experienciais de seus familiares, geraram descobertas, inovações e soluções para alguns problemas presentes no cotidiano destes estudantes na área rural.

Ilustramos essas descobertas, citando situações que foram apresentadas pelos moradores, como a dificuldade para alimentação dos frangos, pois não poderiam manter a criação comprando ração da cidade, já que os custos seriam muito altos e não conseguiriam arcar com os gastos. Diante dessa situação, os estudantes apresentaram o que haviam estudado sobre esse assunto, os familiares explicaram sobre o que possuíam na comunidade e as práticas que já utilizavam para suprir a ausência da ração, e foram orientados pelo professor sobre como poderiam aproveitar os recursos naturais que já possuíam para utilizarem na alimentação e na nutrição dos frangos; e através desse diálogo, foram surgindo soluções para este e outros problemas apresentados, na criação de suínos, no uso de adubos orgânicos, entre outros. Primeiramente, ouvimos suas falas e depois conjuntamente descobrimos novos caminhos, como nos diz Freire (2011), como aprendentes e ensinantes.

Freire (1977), já trazia o termo “descolonização das mentes” em um contexto histórico em Guiné, no qual ele desenvolvia uma missão junto ao povo daquele país que saía da colonização portuguesa e buscava a reconstrução nacional. Frente ao modelo educacional oferecido, o qual reproduzia a ideologia colonialista e negava a história e a cultura daquele povo, reflete que nas aulas:

A história dos colonizados “começava” com a chegada dos colonizadores, com sua presença “civilizatória”; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura, só a dos colonizadores. A música dos colonizados, seu ritmo, sua dança, seus bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpo, sua criatividade em geral, nada disto tinha valor.

Tudo isto, quase sempre, tinha de ser reprimido e, em seu lugar, imposto o gosto da Metrópole, no fundo, o gosto das classes dominantes metropolitanas. (FREIRE, 1977. p. 21).

Trazendo essa reflexão para a forma como vem sendo planejado e organizado o percurso formativo da turma do PROEJA, despertamos para o modo como estão sendo realizadas as visitas de acompanhamento aos estudantes nas comunidades. Na descrição do planejamento no PPC é sugerido o diálogo de saberes, porém reforçamos aqui a necessidade dessa postura de conhecer e ouvir os sujeitos com suas sabedorias populares e reais em seu cotidiano, sem desmerecer ou desvalorizar estes conhecimentos culturais, agrícolas e experienciais.

Em uma destas visitas à comunidade, no momento em que fomos acolhidos pela família de um estudante, o pai, que tinha mais 03 filhos, foi debulhando palavras de contentamento por estarmos ali, nós, “os professores”, depois de termos viajado em média 20 horas de navio e barco de motor para chegarmos àquela comunidade na qual residia com sua família. E continuou explicando que dentre os filhos, esse que estava no IFPA, era o mais inteligente, que os outros “não nasceram pra estudo” e que por isso tinham paralisado seus estudos. Entrelhamo-nos e pensamos no que fazer, no que falar, mediante esse depoimento, inclusive relatado na presença dos filhos “que não tinham nascido para estudar”. Percebemos o quão forte estavam inculcados da ideologia colonialista da educação (FREIRE, 1977) e de uma forma muito simples, fomos conversando sobre educação, cultura, desigualdades sociais, saberes e construindo através do diálogo, percepções críticas sobre a situação apresentada.

E no decorrer da partilha, o pai foi desvelando os dons e talentos dos filhos que não estavam na escola, aquele que era um artesão autodidata e fabricava miniaturas com madeira, o outro que era um excelente agricultor, “que tinha mão boa para plantar” e os sorrisos foram surgindo no rosto daqueles jovens, agora valorizados em seus saberes, em seus interesses.

Nesta perspectiva é que revisitamos o percurso formativo do PROEJA na tentativa de fugir de um discurso vazio de promoção de inclusão de culturas, de uma interculturalidade liberal que não promove a discussão sobre as desigualdades e defende a conciliação de classes, como apresentou Walsh¹ no XII Congresso ARIC em Florianópolis, no Brasil, em 2009. Para Walsh a interculturalidade “[...]“funcional” ao sistema existente; no tocante às causas da assimetria e desigualdade social e cultural, nem “questiona as regras do jogo” e por isso, “é perfeitamente compatível com a lógica do modelo neoliberal existente”.

Se acreditamos que é possível olhar para estas realidades sem subterfúgios e pensamos na concepção de uma educação questionadora das desigualdades sociais; a interculturalidade deverá ser crítica com saberes articulados em uma convivência ética, de variados modos de pensar, de viver, reconhecidos como legítimos e que possa contribuir no fortalecimento do pensamento decolonial.

3.2 Do Plano à ação: Perspectivas de Mudanças

O percurso formativo dos estudantes do Curso PROEJA do IFPA-Castanhal está organizado por eixos e dividido em tempos de formação durante o período do curso. Como o curso é integrado, o estudante tem disciplinas da base comum do Ensino médio e da base profissional. No total, são 18 tempos escolas e 18 tempos comunidades, conforme exemplificamos no recorte abaixo no Eixo do 2º ano:

¹ Professora principal e diretora do doutorado em Estudos Culturais Latino-americanos Universidade Andina Simon Bolívar, Sede Equador.

Quadro 3 - Eixo do 2º Ciclo: Sistemas de Produção, Pesquisa e Gestão Socioeconômica

Alter.	Eixo Temático	Atividade (Tempo Escola)	Plano de Pesquisa (Tempo Comunidade)
7º TE	Segurança Alimentar e produção de cultivos anuais	- Sistematização sobre a situação da Segurança alimentar nas comunidades rurais - Estudo sobre a segurança alimentar e a produção de cultivos anuais (mandioca, feijão, milho, arroz)	Estudo dirigido sobre o Eixo temático.
7º TC			
8º TE	Segurança Alimentar e produção de cultivos anuais	- Sistematização sobre a situação da Segurança alimentar nas comunidades rurais - Estudo sobre a segurança alimentar e a produção de cultivos anuais (mandioca, feijão, milho, arroz, etc.)	Diagnostico da Organização Social-econômica das Comunidades rurais (Associações, cooperativas, STR, Movimentos, etc.)
8º TC			
9º TE	Cidadania, Movimentos sociais e Economia Solidária	- Sistematização e estudo da Organização Social-econômica das Comunidades rurais	Estudo dirigido do Eixo temático
9º TC			
10º TE	Cidadania, Movimentos sociais e Economia Solidária	- Estudo da Organização Social-econômica das Comunidades rurais	Diagnostico dos sistemas de criação de animais de médio porte
10º TC			
11º TE	Sistemas de produção de médios animais	- Sistematização e Estudo dos Sistemas de criação de médios animais	Estudo dirigido do eixo temático
11º TC			
12º TE	Sistemas de produção de médios animais	- Sistematização e Estudo dos Sistemas de criação de médios animais	Pesquisa sobre as culturas perenes e industriais nas comunidades
12º TC			

Fonte: IFPA. PPC, 2013.

Ao olharmos para o percurso, refletimos que a formação desses estudantes precisa estar pautada não somente nos conhecimentos técnicos, como defende Freire (1977), mas em discussões e debates sobre a cultura, sobre modos de viver, sobre os saberes, sobre suas necessidades.

Pensar em discutir, construir conhecimentos através de um movimento dialético e não de maneira estanque, imutável. Entender que “o certo” não é só o que a escola diz, resgatando saberes comunitários, pesquisando sobre estes saberes para que a partir de diálogos e do conhecimento da realidade, estes sujeitos possam assumir suas culturas e não as negar ou desmerece-las como inferiores a outras culturas. É comum a escola acreditar que sabe o que é importante para o estudante da EJA, chamar de “coitadinho” e com essa postura colaborar cada vez mais para as desigualdades sociais.

Ao desenvolver este percurso formativo, a escola precisa estabelecer uma relação respeitosa e questionadora com culturas e saberes distintos, visando:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. [...] Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa

rebeldia no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (FREIRE, 2014, p. 118-119).

Como os eixos do percurso formativo são trabalhados em uma sequência para acompanhar as disciplinas que estão sendo ofertadas aos estudantes, acreditamos que o ato de elaborar os eixos temáticos e os planos de atividades a partir do que os estudantes trazem de informações sobre sua realidade, ao invés de aplicar o que já está determinado no plano é criar possibilidades de diálogos e de participação, o que inverte a lógica do colonialismo, pois todos poderão ter voz e ser respeitados em suas falas, em seus saberes.

Neste sentido, na educação dialógica são priorizadas atividades que estimulem a participação, a pesquisa, o debate, o trabalho cooperativo, a solidariedade, a expressão artística, o afeto, a pergunta, a oralidade. O professor sem perder sua autoridade, incentiva o desenvolvimento da liberdade com responsabilidade dos alunos, e aprende enquanto ensina; o aluno, corresponsável pelo progresso pedagógico, ensina enquanto aprende. (MOTA NETO, 2016. p. 45).

Mota Neto (2016, p. 213) destaca que o diálogo “[...]é uma forte característica decolonial e intercultural da proposta pedagógica de Paulo Freire porque possibilita que o outro negado desenvolva o seu direito de falar, se expressar, se posicionar [...]” e é neste sentido que entendemos que no decorrer do processo formativo nos quais os estudantes seguem um calendário escolar letivo, com horários de disciplinas técnicas, horário de disciplinas da base comum, entre outras atividades pedagógicas; a reflexão sobre este processo precisa acontecer a todo o momento, através do diálogo, com um sentimento de luta contra as desigualdades sociais.

4 NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO FORMATIVO DO PROEJA: ESTUDANTES E COMUNIDADES DESVELANDO O SER E O SABER

Neste capítulo temos como objetivo manifesto conhecer as percepções dos estudantes e de suas comunidades sobre o Processo de formação no PROEJA. Através de suas narrativas, desvelamos suas histórias, seus saberes, seus olhares, suas certezas e incertezas; o que nos possibilitará um real entendimento sobre o significado e relevância da formação em suas vidas. Traçamos um perfil embasado nos questionários aplicados e através da análise das entrevistas, organizamos as respostas em cinco categorias temáticas: 1 - Trajetórias escolares dos estudantes, com as subdivisões: Família, Trabalho, Distância ou ausência da escola; 2 - Percurso Formativo do Curso PROEJA, com as subdivisões: Motivações pelo Curso Técnico em Agropecuária PROEJA, Trajetória dos estudantes no IFPA, Pedagogia da Alternância, Avaliação do curso; 3 - Relação entre os saberes experienciais e conhecimentos trabalhados na escola; 4 - Relevância da Formação para as comunidades e 5 - Atuação em organizações sociais.

4.1 Conhecendo os Educandos e Suas Comunidades

Nesta seção descreveremos como vivem os estudantes e suas comunidades, descobrindo seus valores, cultura, relações sociais; a fim de que estas informações possam orientar as discussões e planejamentos do percurso formativo do PROEJA para estes estudantes.

4.1.1. Perfil dos Educandos

Os estudantes do PROEJA do IFPA – *Campus* Castanhal, da turma agroextrativista, participantes desta pesquisa residem nas ilhas do Marajó e trabalham com agricultura familiar e o agroextrativismo.

Do universo de 10 estudantes pesquisados, 09 são do sexo masculino e 01 do sexo feminino; a faixa etária apresenta variação de 19 a 37 anos, sendo a maioria na faixa de 20 a 28 anos e solteiros, já que apenas 03 declararam estar em união estável. Todos responderam que a renda familiar é de 01 a 02 salários mínimos.

São paraenses em sua totalidade e se autodeclararam de cor parda, com exceção de 01 entrevistado que se autodeclarou de cor preta.

4.1.2. Trajetórias Escolares dos Estudantes do PROEJA

Na realidade rural em que vivem os sujeitos da pesquisa, que são estudantes do PROEJA, o processo educacional não ocorre de forma regular, como na zona urbana e isso se ratifica nas falas dos estudantes ao narrarem suas trajetórias escolares, revelando histórias nas quais podemos conhecer os caminhos que percorreram e os desafios que precisaram superar para terem acesso à educação.

Na categoria 1 que trata sobre as Trajetórias escolares dos estudantes, dividimos em subcategorias: Família, Trabalho, Ausência ou distância de escola. Na fala dos estudantes analisamos a seguir como ocorreram essas idas e vindas à escola formal, face às situações por

eles vivenciadas. Os nomes citados são todos fictícios para preservar a identidade e foram escolhidos pelos entrevistados.

Na Categoria 1, na subcategoria Família, a importância da família é revelada na verbalização dos estudantes, ora como mãe que paralisou seus estudos para cuidar de filha pequena, ora como incentivo para continuação dos estudos como alternativa para um futuro melhor.

Fiquei parada cinco anos, porque eu tive que parar de estudar pra cuidar dela, aí eu tinha que trabalhar e cuidar dela. Eu trabalhava o dia todo, chegava em casa só almoçava e duas horas voltava pro trabalho. Às vezes eu chegava em casa, nove, nove e meia da noite, o cansaço, a correria aí não tinha como. (Lene)

Bom, para começar inicialmente eu comecei a estudar lá no município mesmo. Falar a verdade, eu fiquei três anos sem estudar depois eu peguei continuidade, mas levei adiante não desisti, peguei essa oportunidade de chegar aqui pra terminar o ensino médio e esse curso porque através desse curso vou poder ajudar a minha família, garantir um futuro melhor pra ela e pra mim também. (Carlos)

Ainda na Categoria 1, na subcategoria Trabalho, os estudantes relatam que sobrevivem do extrativismo ou da agricultura e são responsáveis com suas famílias pelo sustento e por este motivo expressaram que paralisaram sua trajetória escolar em algum momento em função da necessidade de trabalho. Foi possível perceber essa atuação dos estudantes, durante a realização das visitas nas comunidades, nas quais era comum a divisão no manejo da área entre os membros das famílias.

A minha trajetória escolar passou por um processo muito conturbado, em que eu tive que escolher entre se ia ajudar meus pais de fato na roça ou se eu tinha que estudar. Então chegou o momento que eu pensei que eu tinha que ir ajudá-los, mas também algo falou mais forte que se eu queria algo melhor, tinha que correr atrás. (Rubens)

Dando continuidade na Categoria 1, na subcategoria Ausência ou distância da escola, percebemos nas narrativas que isto é uma realidade na área rural e foi apontada como um dos fatores responsáveis pela paralisação dos estudos. Os estudantes relatam idas e vindas à escola formal, caracterizadas em sua maioria, com períodos longos que ficaram sem estudar, porém, sem perderem a esperança em continuar os estudos.

Bem, eu comecei a estudar a partir dos onze anos de idade, não tô lembrando a data, mas foi nessa idade, na nossa comunidade mesmo. Antes, comecei nessa idade porque não tinha assim professores. A escola que tinha ficava distante da comunidade, e a gente não tinha acesso. Aí nesse período comecei a estudar, estudei na comunidade lá onde é a escola até a quarta série, aí quando passei pra quinta série, fui pro município de Portel pra estudar, aí eu estudei lá até o oitavo ano, aí eu terminei, aí nesse período quando eu terminei o oitavo ano eu passei quatro anos sem estudar porque não tinha o ensino médio lá no interior, aí durante todo esse período eu fiquei sem estudar, aí teve vários acontecimentos na família, como a morte da minha mãe, aí não deu pra continuar. (Felipe)

Na verdade, eu iniciei meus estudos com a idade de sete anos lá na comunidade onde eu moro... Passei pro ensino médio e passei sete anos parado devido à possibilidade na cidade. (Garçom)

Mas aí, as condições de ir até a escola era ruim, tinha que remar em canoa, eu morava muito longe da escola, pra chegar na escola tinha que remar uma hora, às vezes mais de uma hora, conforme a maré e aquilo era cansativo. Aí concluí a terceira série lá, e depois eu não quis mais estudar, de chegar à escola. Aí o tempo passou, mas sempre tinha vontade de aprender, né? A minha vontade mesmo era aprender. (Chacrinha)

Diante da fala dos estudantes refletimos sobre essas trajetórias expressivas de esperança na educação, nas quais as oportunidades foram escassas e as que foram permitidas, aconteceram pela insistência destes protagonistas que acreditaram que seria possível a concretização de um ideal.

Especificamente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a história não só registra os movimentos de negação e de exclusão que atingem esses sujeitos, mas se produz a partir de um direito conspurcado muito antes, durante a infância, esta negada como tempo escolar e como tempo de ser criança a milhões de brasileiros. (PAIVA, 2006, p. 1).

O direito à educação que deveria ser direito de todos infelizmente é negado às classes mais pobres e principalmente as que moram longe dos grandes centros urbanos e as conquistas que esta população consegue é fruto de lutas históricas de grupos que se organizam e buscam um empoderamento social e econômico.

4.2 PROEJA no IFPA – *Campus Castanhal*: Do Processo Seletivo à Sala de Aula: o Que as Falas nos Revelam

O ingresso do estudante no PROEJA, no IFPA – *Campus Castanhal* se dá através do processo seletivo diferenciado, no qual o estudante é submetido a uma entrevista sobre sua intenção em estudar na instituição. Desde este momento, até o final da formação, ele percorre um caminho repleto de situações novas em sua vida; como aulas práticas, planejamento para o tempo comunidade, e neste trilhar, vai escrevendo mais uma página da sua história.

São muitas as situações decorrentes do cotidiano que o envolvem, não só em sala de aula, como também a moradia em residência escolar², mudança nos hábitos alimentares, enfim, todo um processo de vivência e sobrevivência, que vamos conhecer através dos próprios estudantes.

Para tanto, analisamos a Categoria 2 - Percurso Formativo do Curso PROEJA, com as subcategorias: Motivações pelo Curso Técnico em Agropecuária PROEJA, Trajetória dos estudantes no IFPA, Pedagogia da Alternância e Avaliação do curso.

Na Categoria 2, na subcategoria: Motivações pelo Curso Técnico em Agropecuária PROEJA, observamos em suas falas, que alguns se sentiram motivados pelo desejo em aprender, em concluir uma formação técnica e o ensino médio, no sentido de valorizar a oportunidade de estudo que chegou até a área rural, onde residem.

² Quartos com beliches e banheiros localizados no *Campus Castanhal* nos quais os estudantes ficam alojados durante o tempo escola.

Bem, as motivações foi de aproveitar a oportunidade, aprender coisas novas, não somente pra mim, mas uma oportunidade de levar pra minha cidade mesmo. É uma experiência de vida. (Lene)

Eu ouvi comentários sobre o PROEJA, que era o ensino técnico integrado ao ensino médio, então me interessei e comecei a buscar fontes pra que eu me informasse e ficasse sabendo como fazer para ingressar no instituto. (Rubens)

Quando teve essa oportunidade que eu sabia que não ia ter no campo né, porque eu não tinha condição de ir pra cidade, devido minha família ser grande, e esse foi um dos motivos que me fez vir pra cá e porque também além de ser uma oportunidade única era também uma experiência muito boa, porque além da gente estudar o ensino médio a gente ganha o técnico que vai ajudar muito na nossa formação porque a gente é do campo e isso ajuda bastante. (Felipe)

Alguns participantes da pesquisa demonstraram motivação pela escolha do curso por residirem na área rural e sua subsistência vir da agricultura familiar e do extrativismo, necessitando assim de conhecimentos técnicos para aplicar em suas comunidades, conforme confirmamos abaixo:

Eu sempre falei pra mim mesmo que se eu tivesse essa oportunidade, eu ia agarrar com as duas mãos e seria bom pra mim também porque pelo menos eu ia tá ajudando meu pai e minha mãe na produção da mandioca, pra gente tentar melhorar. (Garçom)

E como eu sou do campo eu trabalho na plantação, na criação, eu me interessei a aprender mais umas técnicas pra poder tá produzindo e também o ensino médio que é importante. (Chacrinha)

E o meu privilégio é esse aí de vir estudar esse técnico pra cá, esse curso pra ajudar minha família e os meus parentes lá na minha comunidade e morando lá pra dar assistência técnica pro meu município, que tá precisando muito. (Gabriel)

Bem, é um curso que eu me adaptei muito comigo porque técnico em agropecuária já se sabe, já mexe mais na área da natureza assim, da agricultura, e eu tenho que ir porque eu sou filho da terra mesmo e eu sou acostumado a trabalhar na roça, na geração de açaí, tudo aquilo que eu sabia, que serviu muito pra mim, mas quando eu comecei a estudar aqui, eu aprendi, fui evoluindo cada vez mais, e tudo aquilo o que eu aprendo aqui eu consigo aplicar na minha área, na minha comunidade. (Paulo Henrique)

Falando em técnico é meio diferente pra gente, mas pra gente que começou a trabalhar desde pequeno na área de plantio e manejar, foi muito mais claro porque a partir de 10 anos já comecei a trabalhar com o papai na área dele. Não sei como te dizer porque a situação naquele tempo lá era difícil, querendo ou não tinha que trabalhar porque as coisas eram difíceis mesmo. (Carlos)

Nas entrevistas realizadas percebemos a responsabilidade que os estudantes assumem com seus familiares e com as pessoas da comunidade ao vir estudar um curso técnico, pois

buscam um ensino bom e uma formação técnica com conhecimentos práticos em agropecuária para o desenvolvimento da agricultura familiar em sua propriedade e na comunidade.

Entendemos que o Instituto ao oferecer o curso técnico não pode reduzir seu ensino apenas na formação técnica, e sim oportunizar aos estudantes uma formação mais humanística e ética para que estes possam atuar na comunidade de forma significativa, pois:

[...] A educação vai além da mera transferência de técnicas. Eu vejo como perigosa a possibilidade da educação se reduzir a técnicas, se transformar meramente em técnica, em uma prática que perde de vista a questão do sonhar, a questão da boniteza, a questão de ser, a questão da ética. [...] (FREIRE, 2016, p. 37-38).

E as escolhas destes estudantes não se limitam apenas à formação técnica, mas na concretização de um sonho pessoal e de sua família, nas quais poucos conseguem alcançar o nível de formação no ensino médio, tornando assim aquele que conseguiu “chegar lá”, um expoente naquela comunidade e que é muito esperado para contribuir na multiplicação de conhecimentos e na implantação de projetos para melhoria da qualidade de vida das pessoas que lá residem.

As técnicas que são ensinadas aos estudantes durante a formação não podem ocupar um lugar de destaque frente às outras questões que precisam ser refletidas durante o curso, para que a educação não se converta em um pacote de técnicas prontas que não podem ser discutidas, repensadas e transformadas perante a realidade apresentada; posto que se assim for:

[...] definida apenas à luz de suas possibilidades técnicas, a educação descarta do questionamento dos princípios de que lança mão e dos fins a que visa: assume, assim, o lugar da interdição e da verdade absoluta e não oferece qualquer espaço para a criação, acentuando os efeitos perversos da estrutura fechada da educação da modernidade. Não questiona, tampouco, sobre o aluno a ser formado, limitando-se à tarefa de formatação de indivíduos à sociedade instituída. (SILVA, 2010, p. 139).

E não é esse indivíduo que as comunidades esperam, é um sujeito consciente da sua prática social, dotado sim de conhecimentos técnicos, mas que seja capaz de traçar relações com os saberes experienciais para que possa atuar com autonomia e ética, frente aos problemas por eles vivenciados.

Ainda na Categoria 2, na subcategoria que trata da Trajetória dos estudantes no IFPA, sua chegada, suas expectativas e dificuldades; ouvimos relatos de vivências, de sentimentos antagônicos, do público entrevistado:

A gente veio com aquele entusiasmo todo, tivemos alguns pontos negativos, como questões de se manter aqui, alojamento, essas coisas, e a gente teve algumas dificuldades porque na verdade a gente não conhecia nada nem ninguém, então muitas vezes eu e as minhas colegas a gente dormiu com fome, outras vezes a gente pegou manga rosa daqui da escola pra gente não dormir com fome, mas hoje eu acredito que a gente tá já bem mais preparado pra viver e as experiências positivas é dos conhecimentos que a gente não tinha antes e que hoje a gente pode ter com outro olhar. (Lene)

Bem, a trajetória foi muito boa, porque estar aqui como já falei, é uma oportunidade única, porque a gente aprende muita coisa e leva pra comunidade, desenvolve lá, apesar de ainda não tá desenvolvendo projeto,

mas eu pretendo, esses são os pontos positivos. Os pontos negativos são com relação à viagem, porque fica cansativo e às vezes a gente não tem dinheiro pra pagar passagem, esses são os pontos negativos, o que eu acho né? porque estar aqui estudando eu não ponho nenhuma dificuldade porque aqui é algo que a gente vai levar pra toda a vida. É isso. (Felipe)

Olha, pra mim tá sendo ótimo. O mais difícil pra mim tá sendo porque na verdade pra eu vir de lá pra cá da minha comunidade eu tenho que pagar passagem e o custo dessa passagem é cem reais pra eu chegar até aqui na escola. Mas só que pra mim mesmo assim isso não é um motivo de desistir, acho que cada vez pra mim sempre eu quero ir pra frente. Isso não é somente uma conquista em minha vida, é um sonho, não só meu, mas da minha família, como do meu pai, da minha mãe, das minhas irmãs. Quando eu chego lá, eles sempre me dão uma ajuda, por mais que seja pouco, porque eles não têm condição, mas eles me ajudam. (Garçom)

Destacamos na verbalização dos estudantes as dificuldades no deslocamento para o Instituto nos tempos de formação realizados na escola, pois residem nas comunidades localizadas na Ilha do Marajó e viajam em média dezesseis horas de navio e duas horas de ônibus para chegarem ao *Campus* Castanhal e consideram altas as despesas com passagens, já que possuem renda familiar entre 1 a 2 salários mínimos. Recebiam um auxílio da assistência estudantil, que no momento da pesquisa era no valor de R\$120,00 (cento e vinte reais) e o Instituto deslocava um ônibus para busca-los no porto de Belém, tanto na ida quanto na volta. No Instituto ficam alojados na residência estudantil e fazem 03 refeições diárias (café, almoço e jantar) no refeitório localizado no próprio *Campus*.

A estranheza na chegada a um ambiente estranho, a distância da família, a necessidade de se adaptar a regras e horários e ainda dividir o espaço do alojamento com outros estudantes é destacada na fala dos estudantes:

No começo é meio estranho, né, tá vindo de casa, tanto tempo pra ficar longe da família, é difícil. A questão do alojamento também com o tempo a gente vai se adaptando né, acho que a gente vai fazendo amizades que é importante também, a questão da alimentação é diferente, totalmente diferente de casa, quando a gente tá na nossa casa, de vez em quando a gente tá comendo alguma coisa e tal, mas basicamente isso mesmo. (Carlos)

É assim a trajetória é de ter um pouco de dificuldade, desde o momento que a gente sai de casa pra chegar aqui, é cansativo sim, mas a gente tá aqui em busca de melhoramento, é cansativo. Às vezes o alojamento que a gente fica aqui não é um alojamento bom, mas dá de passar. E eu vejo assim quantas pessoas que sonharam em tá aqui e não conseguiram entrar, a gente teve uma oportunidade única e assim tá aqui pra mim hoje é um sonho e eu quero levar até o fim esse trabalho aqui. (Eládio)

Quando eu cheguei aqui me deparei com uma realidade diferente da qual eu já vivia anterior, mas isso com o passar dos dias eu fui me acostumando, me adaptando no meio de pessoas que eu não conhecia e hoje já conheço bastante pessoas, um aprendizado de qualidade tô me sentindo bem de tá aqui na escola. Experiências só positivas porque eu já aprendi coisas que eu pensei que nunca ia adquirir e já consegui hoje, então as negativas pra mim não vão me abalar e nem vão deixar que eu possa prosseguir no curso, então eu só tenho a dizer só as positivas mesmo, que o curso é de qualidade aqui na escola. (Lucas)

Ressaltamos que esses estudantes residem em cidades ribeirinhas e possuem outros costumes, inclusive culturais e alimentícios e ao chegarem à escola precisam se adaptar a outras formas de convivência, de moradia e alimentação, o que para eles já é superação, o que demonstram nas afirmações de desejo em concluir o curso.

Continuando na Categoria 2, na subcategoria relacionada à Pedagogia da Alternância, que orienta a organização do curso, na qual os estudantes alternam formação na escola e nas comunidades e sobre a possibilidade de estudarem, se o curso fosse desenvolvido regularmente, ouvimos dos estudantes:

Eu acho que se a gente tivesse condição de se manter, eu acredito que seria até melhor porque a gente acabaria bem mais rápido e pra gente se tornaria algo mais significativo pela aquela perda da gente não ficar um mês parado, que na verdade às vezes esse mês a gente acaba sem fazer nada, então eu acho que seria bem mais proveitoso. Eu acredito que assim eu acho que dez por cento ficaria, mas o restante da turma ia ter uma grande dificuldade pra ficar na escola e ia até acabar desistindo. (Lene)

Não, pra mim não teria problema, eu continuaria de qualquer forma né, sem ser tempo comunidade, tempo escola, eu continuaria tempo integral aqui dentro, porque assim provavelmente a gente teria menos despesa porque a gente paga passagem. Pra mim não seria pra desmotivar, eu faria pra ficar aqui durante todo o curso na escola. Não mudaria nada. (Felipe)

Dois entrevistados relataram que poderiam estudar se o curso fosse desenvolvido regularmente, colocando que até preferiam porque na visão destes aproveitariam mais os estudos e não teriam despesas com passagens. Destacamos que estes dois estudantes, em suas falas em outras questões da entrevista, colocaram que não são responsáveis por atividades produtivas nas suas comunidades, apesar de participarem ocasionalmente, sendo de seus pais ou avós a responsabilidade pelo desenvolvimento destas atividades.

Refletimos sobre a fala da estudante sobre a situação de não ser proveitoso o mês que ficam na comunidade, em dois aspectos: Primeiramente, a estudante não possui atividade na agricultura familiar em sua comunidade e em outro aspecto, para repensarmos como as atividades do tempo comunidade estão sendo planejadas, se não estão contribuindo no aprendizado destes estudantes.

Os outros entrevistados reforçam a importância de o curso ser desenvolvido na Pedagogia da Alternância, pois permite o trabalho na produção agrícola, nos períodos em que retornam para as comunidades e assim contribuem com suas famílias.

Olha, eu acho que não. Na verdade, eu acho que não teria como, porque pra mim passar seis meses direto aqui, meu pai não teria como me sustentar na escola, diretamente na escola, sem que eu estivesse lá ajudando ele pra me manter. (Garçom)

Eu creio que não. Eu vim pra cá por essa razão que a gente ia passar um tempo escola e um tempo comunidade. Se não fosse nesse (como é que se diz...) nessa forma de ensino eu não taria estudando aqui, eu taria trabalhando na minha roça. (Chacrinha)

Pra mim, no meu ponto de vista é melhor nesse período de alternância, aqui e lá, porque o que eu estudo aqui, o que eu aprendo aqui no mês quando eu chego daqui, eu passo pro meu pessoal lá, entendeu? É assim que acontece, porque se eu estudar um ano aqui direto, quando eu chegasse daqui, muitas

coisas que eu estudei no começo do ano, eu não vou poder repassar pra minha comunidade no meu município, quando eu chegar lá. (Gabriel)

Pra mim já saía mais dificultoso, porque ia ter que tá me afastando da minha família, isso nunca tinha me acontecido, nunca deixar de longe a minha família. Mas eu acho que o curso ofertou uma oportunidade muito boa que é um tempo na escola e um tempo na comunidade. E o tempo na comunidade é aquilo que eu aprendo na escola, o que repassam pra mim, e o que eu posso desenvolver, pesquisa e trabalho, aquilo que eu tô aprendendo na escola serve de ensinamento na prática pra mim e é muito bom pra mim. (Paulo Henrique)

Acho que meio difícil porque pra gente lá não tem muitas condições pra ficar pra cá o tempo todo, tinha que ter um bom dinheiro pra se manter, acho que seria meio difícil mesmo se não fosse alternado um tempo escola e um tempo comunidade. Acho que seria meio difícil mesmo. (Carlos)

A Pedagogia da Alternância apresenta-se para estes estudantes como a única alternativa para continuação dos estudos, uma vez que onde residem não são oferecidos cursos técnicos na área agropecuária e como eles próprios relatam não poderiam distanciar-se durante muito tempo de suas residências, devido serem responsáveis, em conjunto com os outros familiares, pela subsistência da família através da agricultura familiar.

E durante as visitas às comunidades, percebemos que a presença desse estudante é importante na comunidade, na família, não só em função de seu trabalho, mas pela forma como convivem, na interação com esta comunidade, no dia-a-dia, no qual o sentido de coletividade é muito presente nas relações e é um diferencial no cotidiano destes estudantes.

Ao adquirirem os conhecimentos na escola, permeando com os saberes que já trazem do fazer diário, constroem novos conhecimentos e vão tecendo uma nova história para si e para os que convivem ao seu redor. A Pedagogia da Alternância proporciona estas possibilidades, pois:

A organicidade curricular pela Alternância não busca a homogeneização tampouco o engessamento dos sujeitos em sua realidade social; a ideia é trabalhar nas múltiplas dimensões de classe, gênero, trabalho, economia, história, produção, culturas e linguagens que permeiam o universo cotidiano dos sujeitos dos movimentos sociais do campo. Para esses atores, é importante incorporar as diferenças, as tensões, as territorialidades, as permanências e as ambiguidades para que seja possível um processo educativo crítico-dialético, compreendendo que ver ou tratar a dinâmica social, na sua totalidade, é algo inalcançável, pois, como está estruturada, a educação é, ao mesmo tempo, dinâmica e é também, cheia de deslocamentos e de descontinuidades. (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 75).

Nos processos educacionais formais e regulares encontramos dificuldade em lidar com a diversidade, pois geralmente os planejamentos são padronizados e as diferenças ficam invisíveis no todo. Acreditamos que é necessário perceber estas diferenças para não haver exclusões. Para ilustrar essa situação, citamos os calendários letivos que são elaborados para organizar os tempos de formação e que precisam atender à dinâmica da realidade dos estudantes e cumprir às exigências legais sobre dias letivos.

Dando continuidade na Categoria 2, na subcategoria sobre Avaliação do curso, os estudantes refletem sobre a metodologia que vem sendo desenvolvida no planejamento dos espaços de formação:

Assim eu penso assim que poderia ser mais levado a sério esse programa do PROEJA, assim na parte das pesquisas, da gente ter mais um conhecimento dos profissionais lá na nossa comunidade, na pesquisa, por causa que como eu estudei no Saberes da Terra, todo tempo a gente tinha que fazer uma pesquisa, pesquisava na nossa comunidade e levava pro Saberes da Terra, antes de nós estudar nós ia fazer a avaliação daquele trabalho que a gente trazia e sobre aquele trabalho que era montado o nosso ensino e aqui é diferente. Pensei que podia ser igual ao Saberes da Terra, mas é diferente. Eu acho que deveria ser ensinado na nossa realidade, muitas coisas não é ensinado na nossa realidade. (Chacrinha)

Bem, os métodos de pesquisa e ensino que estão sendo desenvolvidos no curso têm seus pontos negativos e positivos. Como eu já falei, o curso é voltado na Pedagogia da Alternância, então os trabalhos que estão sendo passados no tempo comunidade, os trabalhos tão sendo meio que repetidos, entendeu, então todos os trabalhos repetidos é que a gente traga foto e mais foto do que a gente tá desenvolvendo, então isso é um ponto negativo, eles não tão chegando e conversando com a turma sobre qual trabalho você tem que ver e tem que fazer e trazer pra cá. Qual a necessidade do que tem na sua comunidade e o que você tem que fazer pra melhorar lá e apresentar aqui. Esse são os defeitos, vamos dizer os pontos negativos. (Rubens)

A necessidade do conhecimento de suas realidades pelo Instituto é fator emergencial para o planejamento e desenvolvimento das atividades realizadas no percurso formativo. Pois, conforme a fala dos estudantes é preciso que haja uma maior interação com a turma para identificar suas necessidades e partindo desse conhecimento, organizar as atividades para serem realizadas no tempo comunidade.

É preciso repensar como estão sendo planejadas essas atividades, não esquecendo que estamos lidando com sujeitos adultos com saberes experienciais, cogitando práticas que sejam significativas para a sua aprendizagem, portanto:

Quanto aos adultos de todas as idades, pelas suas experiências (familiares e profissionais), as dinâmicas interdisciplinares podem atuar como momentos de práxis, capazes de mobilizar múltiplos conhecimentos em projetos com a comunidade local. (SILVA, 2014, p. 66)

Com relação a outros aspectos de avaliação do curso, percebemos a valorização que atribuem aos professores, aos conhecimentos que estão sendo trabalhados e às disciplinas da área técnica do curso, conforme os relatos dos estudantes:

Bem, eu acredito que em termos de professores, os professores são bem qualificados, todos. A gente não tem do que se queixar de nenhum deles na questão tanto de professores que dão aulas práticas, aulas teóricas, como os professores de história, de matemática. A gente tira um bom proveito de todos eles. (Lene)

A avaliação que eu faço é que a aula aqui no IF tá sendo muito importante assim, as avaliações tão sendo bem aplicadas, os professores tão fazendo com que o pessoal possa aprender mesmo cada vez mais, na teoria e na prática e isso serve bem de conhecimento porque se aprende coisas novas e na área da teoria você aprende bastante mesmo, aqui os professores pegam meio pesado, mas é o certo que ele faz, a avaliação deles mesmo faz com

que a gente possa tá tirando um bom resultado, passando de ano [...]. (Paulo Henrique)

A metodologia que aqui que eu mais gostei que eu avalio bem é as matérias do curso técnico. Pra mim, são as melhores, a gente aprende mais, aprende as técnicas, os professores são muito bons, eles ensinam mesmo, pegam pesado com nós, quando chega na área técnica. (Óbido)

Embasados nestes depoimentos, refletimos sobre a importância que os professores têm na vida destes estudantes e que por este motivo são como uma referência para estes jovens, daí a necessidade de uma prática comprometida com o social, como diz Freire (1996, p. 96) “[...] não é possível exercer a atividade do Magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar [...]”.

Através das narrativas de alguns estudantes percebemos a avaliação positiva do curso, atribuída devido o curso dar condições de adquirir conhecimentos para contribuir com o desenvolvimento de suas comunidades:

Bem uma avaliação que eu posso dizer assim é que é uma avaliação de aprendizagem boa, porque a gente tá aprendendo aqui, levando o conhecimento, implantando nas nossas comunidades, eu acho algo bacana assim. (Garçom)

Eu avalio o curso muito bom pra mim, esse curso foi que tá me dando oportunidade de desenvolver, de aprender, e eu avalio muito positivamente pra mim, acho que não só pra mim mas pra minha turma, nós que viemos lá do Marajó. Esse curso é muito importante pra gente. (Eládio)

No depoimento abaixo no qual o estudante Lucas faz uma avaliação do curso, é destacada em sua fala a importância do programa PROEJA, por dar oportunidade de educação aos filhos de agricultores que moram em comunidades nas quais não têm opções de estudo, devido à precariedade de escolas.

É muito importante esses espaços de formação, eles trazem os filhos de agricultores de uma forma boa e deixa a gente a vontade pra estudar e conseguir qualificação no aprendizado porque se não tivesse esse programa do governo a gente não teria essa oportunidade hoje de estar aqui nessa escola porque a condição e a demanda de onde a gente mora é precária. [...] e tudo isso a gente tá aqui pra aprender e eu luto pra isso. (Lucas)

Ressaltamos o alcance do Programa PROEJA aos agricultores que residem na área rural e refletimos sobre a necessidade de discussões e debates para a consolidação do programa através de sua institucionalização como política pública no atendimento à Educação de jovens e adultos.

Na Categoria 3, que trata da Relação entre os saberes, saberes esses compreendidos como os saberes experienciais que já possuíam e os que são ensinados na escola, ouvimos dos estudantes:

[...] Acredito que tudo que a gente sabe lá, que a gente trouxe, os conhecimentos que a gente trouxe, que a gente achava que eram poucos, eles são muito aqui pra gente, que tem muita gente que não conhece, acaba vindo fazer pergunta pra gente e a gente acaba com os professores aprendendo e

também ensinando a nossa maneira lá pra eles e isso pra eles eu acredito que também é bem proveitoso. (Lene)

Contribuíram bastante porque eu sabia na prática, e hoje eu sei na teoria e na prática, então hoje se eu for dar uma palestra na minha comunidade eu vou falar sobre a teoria e a prática que eu aprendi os dois. (Lucas)

[...] o que eu sabia e o que eu aprendi aqui somaram e cada vez mais vai se multiplicando e isso serve de experiência pra muita gente lá, hoje tem gente que me procura lá pra saber como faz isso, como faz aquilo, como se maneja o açaí de forma certa e isso então foi só uma somatória de conhecimento e o IF tá cada vez mais me evoluindo o conhecimento. É isso. (Paulo Henrique)

Bom, o meu início foi os meus pais que me ensinaram. Praticamente, eu sempre falo brincando pro meu pessoal de lá, que eu nasci na beira de uma roça, nasci já na roça, aí vim vendo como meu pai trabalhava, minha mãe, vim aprendendo do conhecimento deles, se chama do conhecimento empírico, conhecimento que passa de pai para filho. [...] Há uma relação sim com certeza, junta os saberes meus que eu já tinha da minha origem com os conhecimentos que eu tô aprendendo aqui no IF pra mim formar um terceiro conhecimento, um terceiro saber aonde eu vou desenvolver na minha comunidade se Deus quiser. (Chacrinha).

Cabe refletir se essas relações estão acontecendo sob uma perspectiva crítica, na problematização com os estudantes, pois é nesta forma de relação que o conhecimento é criado e recriado e o estudante se posiciona como sujeito participante, ativo. Sai da passividade, do silêncio para a ação, pois,

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. (FREIRE, 2014. p. 60).

Na medida em que o estudante vai adquirindo consciência da realidade, vai desenvolvendo a capacidade de agir nesta realidade e transformá-la, denunciando as práticas alienadoras e ampliando a sua percepção e participação sobre o mundo que o cerca.

Já na Categoria 4, na Relevância da formação para as comunidades, identificamos aspectos importantes relatados pelos estudantes destacando como a formação que eles estão recebendo está somando conhecimentos aos membros de suas famílias e de suas comunidades.

[...] a gente tem uma horta, a gente tem uma associação em que a gente desenvolveu uma área, a gente limpou, 50 x 50 metros, em que a gente fez uma horta muito grande por sinal e a gente desenvolveu esse projeto ao longo desse período em que eu estou aqui no IFPA, pra que a gente passasse a mostrar pras pessoas que as coisas têm que ser feitas daquela forma, as coisas tem que andar por aquele caminho, então o projeto hoje tá dando muito certo e tem 22 pessoas nesse projeto e a gente tá querendo ampliar esse projeto. (Rubens)

A gente já tá começando a fazer um projeto pra plantar abacaxi pra comunidade, pra vender pra escola mesmo e a gente tá montando um pequeno aviário lá, tá iniciando com frangos ainda assim o aviário a gente já

teve esse aprendizado aqui na escola, onde eu levei já daqui e tô implantando lá esses conhecimentos. (Felipe)

Bom, a gente tá com projeto pra desenvolver na minha comunidade a horta, a gente tem horta, a gente tá com um espaço pra criação de peixes, a gente tem lá na área, a gente quer agora desenvolver a criação de suínos, se Deus quiser, apesar de que quando eu venho já daqui já isso é muito importante a gente ter produtos da nossa terra, produtos de qualidade. Antes de vir pra cá desenvolvia só mesmo o plantio da mandioca, mas não desenvolvia nem a horta, nem a piscicultura, nem avicultura. (Eládio)

[...] a gente pode tá tanto na cidade ajudando as pessoas que querem fazer plantio como no interior a gente buscar mais uma formação melhor pra todos os agricultores. (Lene)

Nas falas dos estudantes é visível a importância que esta formação tem para estas comunidades, no contexto em que estão inseridos no qual o acesso à educação e à assistência técnica é precário; é gritante o apelo por conhecimentos que na relação com suas realidades, possam ampliar as possibilidades de seu trabalho na agricultura e no extrativismo, que são as fontes de sua subsistência.

Ao oferecer esta formação aos estudantes que se torna extensiva aos membros de suas comunidades é preciso ter como princípio desenvolver não uma formação excludente de suas práticas, de seus saberes, mas uma formação que não desprezando suas histórias, sua cultura, possa contribuir para que estas comunidades tracem um caminho emancipatório de sustentabilidade, de transformação social. Quando se fala em não negar os saberes, não queremos dizer que o estudante da área rural não precise de conhecimentos acadêmicos para o desenvolvimento de sua atividade e sim de uma formação que valorize suas especificidades, portanto:

Respeitar esses saberes de que falo tanto, para ir mais além deles, jamais poderia significar numa leitura séria, radical, por isso crítica, sectária nunca, rigorosa, bem feita, competente, de meus textos – dever ficar o educador ou a educadora aderida a eles, os saberes das experiências feitas. (FREIRE, 2011, p. 119).

A partir desta afirmação de Freire pretendemos esclarecer algumas críticas que recebemos de professores e técnicos na escola, que por não se aprofundarem nesta discussão se expressam afirmando que estamos negando conhecimentos aos estudantes, ao valorizar suas práticas e seus saberes; como se o campo, a área rural fosse significado de atraso cultural, econômico e social.

Na categoria 5, Atuação em Organizações sociais, questionamos os estudantes sobre seu engajamento em associações ou cooperativas em suas comunidades para percebermos sua participação social. Observamos que o interesse em participar de organizações sociais, para alguns, é vinculado ao desenvolvimento de projetos comunitários, de acordo com as falas dos estudantes:

A gente tem um sindicato de lá, o SINDIPESCA, que é o sindicato de pescadores e projeto, na verdade eu tinha em mente um projeto que é trabalhar com a produção de caroço de açaí pra gente poder aproveitar o caroço de açaí, mas pela falta de recursos, de verbas, ainda acabou meio que ficando pelo meio do caminho, mas eu tenho fé que um dia vai acontecer, da gente poder pegar aquele caroço de açaí que é descartado jogado fora, e

poder aproveitar tanto o caroço de açaí, como o resto de alimento que a gente pode tá transformando em adubo, gerando renda pra população e até mesmo quem sabe formar uma pequena comunidade, ou como é que se diz? Uma associação. (Lene)

Associação comunitária, a gente tá desenvolvendo esse projeto através de uma associação, a gente tá mexendo com horta, mas tá querendo ampliar esse projeto, tanto pra criação de frango, como pra piscicultura. (Rubens)

É associação, eu faço parte da associação que é das mulheres, mas assim não sou membro, apenas participo, eu ajudo no trabalho, desenvolver a questão da horta, trabalhos que eu possa estar fazendo tô desenvolvendo nessa associação. (Eládio)

Participo de sindicato rural no município de Portel, que tá localizado a sede dele na cidade e sou também membro de uma associação que está dentro de uma área conhecida como Gleba que é a Gleba Cangatá, a minha comunidade está dentro dessa gleba, hoje nós somos 360 famílias dentro da área dessa gleba a qual eu faço parte. Lá a gente desenvolve também alguns projetos no caso que a gente tá desenvolvendo já é o manejo de açaí nativo, que a gente tem uma autorização da SEMA pra desenvolver esta atividade, então o aprendizado daqui contribuiu com a minha realidade lá. (Lucas)

Verificamos ainda na fala do estudante Felipe que na sua comunidade, apesar de não participarem de uma associação, costumam participar de atividades coletivas na colaboração entre os moradores.

Na verdade assim diretamente não, mas antes na nossa comunidade, a gente tinha um tipo de mutirão, que é praticamente uma associação, mas a gente chama de mutirão, porque lá antes a gente se ajudava, reunia todo o pessoal da comunidade pra trabalhar em um determinado local de uma pessoa, assim era conhecido tipo uma associação, porque a gente fazia esse mutirão e as pessoas se ajudavam. (Felipe)

Esse sentido de coletividade é muito presente nas comunidades que vivem da agricultura familiar ou do extrativismo, pois é comum a vizinhança se deslocar para a área do vizinho, na época de colheita da safra, para juntos desenvolverem a atividade e isso fortalece o vínculo existente entre eles.

Destacamos ainda nas falas dos estudantes o interesse em participar das organizações como forma de lutar por seus direitos de forma coletiva, como instrumento de representatividade de suas necessidades.

Nós temos, aliás, nós já fizemos um processo de fundação de uma associação, onde eu sou o secretário e é uma das coisas que eu venho lutando pra que a gente consiga levar em frente uma associação porque é bom para nós que somos produtores ter como meio de lutar pelos nossos direitos. Mas as pessoas ainda são leigas e muito individuais, isso aí se torna difícil pra gente levar pra frente. (Manoel)

A única associação que a gente tem lá foi o MORIVA, que em relação com ela foi que eles anunciaram o processo seletivo pra vir pra cá pra estudar é o MORIVA, que significa movimento dos ribeirinhos e ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba. A minha família participa, a gente paga a associação todo mês. (Óbido)

Nas visitas às comunidades fomos informados pelos agricultores que para terem acesso a alguns financiamentos ou projetos oriundos do poder público precisam estar vinculados a associações ou cooperativas e verificamos alguns projetos na área da sustentabilidade implantados nas comunidades nas quais funcionavam estas organizações, o que não visualizamos nas que não tinham associação.

Além disso, não podemos esquecer que historicamente é através da organização de movimentos, de classes que os povos conseguem o alcance de seus objetivos; e este é um fator importante na realidade dessas comunidades esquecidas e muitas vezes desconhecidas pelo poder público.

4.3 Vozes das Comunidades: Descobrimos Quem São os Sujeitos e Quais os Significados da Formação em Seu Contexto

Através das narrativas dos membros das comunidades dos estudantes, iremos conhecer quem são estes sujeitos, como vivem e suas percepções acerca da formação no curso Técnico em Agropecuária do PROEJA; o que poderá nos trazer subsídios para uma melhor compreensão da realidade dos jovens e adultos participantes desta pesquisa. Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos próprios participantes.

4.3.1. Perfil dos Membros das Comunidades

Os membros das comunidades dos estudantes do PROEJA do IFPA – *Campus Castanhal*, da turma agroextrativista, participantes desta pesquisa residem nas ilhas do Marajó e trabalham com agricultura familiar e o agroextrativismo.

Foram entrevistados 05 membros das comunidades, sendo 01 de cada comunidade dos estudantes. Dentre estes, 03 são do sexo masculino e 02 do sexo feminino; a faixa etária apresenta variação de 38 a 55 anos, sendo a maioria na faixa de 40 anos. Todos responderam que a renda familiar é de meio a 01 salário mínimo. São paraenses e todos se autodeclararam de cor parda.

Com relação à profissão, 03 colocaram que são agricultores familiares, 01 que é agricultor, mas também é professor e 01 é servente em uma escola municipal. Com relação ao número de pessoas que residem na casa, a variação foi de 05 a 09 pessoas convivendo na mesma residência.

No item escolaridade, 04 haviam cursado até o Ensino Fundamental I e apenas 01 havia concluído o Ensino Médio.

Para análise das narrativas dos membros das comunidades, organizamos as falas em 5 categorias: Categoria 1 - Percepções acerca do Curso Técnico em Agropecuária – PROEJA, que subdividimos nas subcategorias: Percepções sobre o curso e Percepções sobre a Pedagogia da Alternância; Categoria 2 - Educação, que subdividimos nas subcategorias: Valor atribuído à Educação e Dificuldades que enfrentam para estudar; Categoria 3 - Atividades desenvolvidas na comunidade, Categoria 4 - Importância dessa formação para sua comunidade e Categoria 5 - Atuação em Organizações sociais.

Na categoria 1 que trata das Percepções acerca do Curso Técnico em Agropecuária – PROEJA, na subdivisão sobre Percepções sobre o Curso, ouvimos dos familiares ou membros das comunidades pesquisadas:

Proeja, eu quero dizer dessa parte assim, estudar para melhorar a qualidade do sobreviver. Eu procuro dizer assim, porque você sabendo, aprendendo

para plantar, você trabalha menos e produz mais. Você aprendendo de pai pra filho, sem ter aquele estudo, aquela educação para aprender você vai trabalhar muito e produzir pouco. E você tendo uma pessoa dessa dentro da família, você vai trabalhar menos e produzir mais. Então a minha vontade foi essa, colocar com maior dificuldade meus filhos na escola, para aprender porque eu aprendi de pai pra filho e de avô para filho então esse tipo que eu aprendi não funciona. Funciona muito trabalho e pouca produção. Você destrói muito a natureza e produz pouco. E então esse tipo possível que ele vai aprender lá ter o estudo ter aquela qualidade de educação dentro do estudo, ele vai trabalhar menos e produzir mais. Então, o tipo possível que dou a maior batalha pro meu filho e queremos é colocar ele numa situação certa para fazer o que, melhorar a nossa comunidade, aprender a plantar, aprender a criar, nós ter pra nossa comunidade, pra nossa família diariamente, nosso custo de vida pra não tá sacrificando de outro jeito, porque do jeito que eles trabalham favorece muito. Nós vamos ter nossos porcos, vamos ter nosso frango, vamos ter nosso peixe. [...] Porque a gente coloca um filho na escola pra aprender, porque você não sabe. (Cabeça branca)

Eu penso nesse curso que meu primo tá fazendo, numa boa formação dele pra ele ajudar a nossa comunidade. Então, eu sou uma pessoa favorável a ele, que ele venha trazer conhecimentos para desenvolver a nossa comunidade. Nós somos muitos, e para que a gente não fique só numa coisa. Mas que ele possa trazer para desenvolver, sobre a criação de animais, plantações e mais outras coisas. (João)

Olha pra mim tá sendo muito bom, ele sendo o primeiro aluno aqui do Rio Pagão. Isso pra mim vai ser um orgulho. Ele chegar a esse ponto que a gente espera. Que aqui tem muita gente que fica admirada de ele ser novo, por essa idade e já estar nesse ponto de vista, de chegar amanhã ou depois de ser um técnico aqui. Que nós temos técnico aqui, mas tá vindo de fora, e essas pessoas tão tirando mais dinheiro do que eles não podiam tirar, porque as pessoas que moram aqui não sabem. Pra mim, é um orgulho muito grande ele chegar nesse ponto e se formar lá. [...] por causa que não é por ele ser estudado, se formar lá e dizer que ele não vai fazer serviço do campo, não, nós não vamos deixar isso aí porque do jeito que a gente nós tamos vendo que tá acontecendo, a gente pode se empenhar, sim. Ele se formar um técnico, mas aí ele não vai deixar o serviço do campo [...]. (Marajó)

Evidenciamos na verbalização destes familiares o desejo de ver seu filho ou primo estudar para adquirir conhecimentos e aplicar em suas comunidades a fim de não precisarem recorrer às pessoas alheias aos seus problemas para solicitarem orientações, assistência técnica. Relatam situações em que foram enganados por não possuírem conhecimentos e necessitarem de informações sobre as atividades que desenvolvem na agricultura, na criação de animais. Demonstram ainda a preocupação na garantia da subsistência da família.

Ainda na Categoria 1, na subcategoria sobre Pedagogia da Alternância, os participantes da pesquisa expuseram sua visão sobre se o estudante poderia estar cursando o PROEJA se não fosse dessa forma como é organizada a formação dos estudantes:

Eu acho assim que não. Eu vou falar pelos outros. Porque muitos da turma dele estão parados. E isso aí foi um caminho que ele encontrou para estudar para trazer esse conhecimento pra nossa comunidade. E nós somos favoráveis pra ele, nossos votos tudo é que ele continue estudando. Pelo que a gente tem visto, ele tem chegado em nossa comunidade e tem participado.

Ele chega, conta os fatos dos estudos que ele tem estudado e tem repassado o que os professores passam pra ele e pra nós tem sido bom. (João)

Olha pela uma parte seria bom. Porque se ele estudasse direto, ele se formava mais rápido. [...] Só que nós aceitamos pelo seguinte, porque a gente precisa dele. Um mês lá a gente já sente muita falta dele. Um mês aqui, quando ele tá aqui, a alegria chega, ele ajuda nós. Que a gente tá precisando de ajuda. Eu, como sendo pai, pra mim foi muito bom ser assim. Colocarem assim um mês lá, um mês aqui, pra mim tá sendo muito bom isso aí, muito gratificante mesmo. (Marajó)

Não, ele sempre falava que ele não ia ter tempo pra estudar por aqui né, porque ficava difícil pra ele, porque ele tinha que pegar barco todos os dias e também ele tem a família dele e ele achava difícil deixar nós. Aí eu dei o maior apoio, quando ele resolveu estudar pra lá, eu apoiei muito ele e eu acho muito legal isso. (Ana)

Nestas falas percebemos que os entrevistados reconhecem a importância da Pedagogia da Alternância na formação dos estudantes, pois permite que possam se organizar no trabalho desenvolvido na área rural durante o tempo em que o estudante se desloca para participar do tempo escola, sem que haja prejuízo na continuidade de suas atividades.

Identificamos ainda que percebem as trocas de conhecimentos que acontecem na Pedagogia da Alternância, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida dos moradores das comunidades.

Já na categoria 2, que trata da Educação, na subcategoria sobre o valor atribuído a Educação, os participantes revelaram:

Olha a importância da educação na minha vida é uma coisa muito boa que aconteceu. Porque a gente tem muito conhecimento né e também a gente pode repassar esse conhecimento pra outras pessoas e a educação é a coisa mais importante que nós tem hoje, então eu acho uma coisa muito boa pra todos os estudantes. (Ana)

Educação é a pessoa saber respeitar, conviver com as pessoas, conviver na comunidade e um cidadão aquilo que se ele aprendeu, mas não ser orgulhoso daquilo que ele aprendeu, se ele souber dividir com as pessoas que tenha necessidade pra dividir aquilo que ele sabe. (João)

A importância é uma coisa muito boa, especialmente, porque traz algo de conhecimento e desenvolvimento pra comunidade. Isso que eu digo. (Marajó)

Olha, a educação é a pessoa respeitar os outros e saber entrar e sair. É verdade ou não é? Essa é a melhor educação que tem é respeitar pra ser respeitado. Não é verdade? Pra mim é. (Cabeça branca)

Os membros das comunidades identificam o respeito como sendo a base do que entendem por educação e relacionam a educação com o desenvolvimento da comunidade, através de conhecimentos que podem ser divididos na convivência dos sujeitos. Desta forma, não podemos pensar na educação de jovens e adultos que os estudantes recebem apenas como escolaridade, mas como fator que dinamiza as comunidades, discutindo aspectos relacionados à formação ética, social e política dos sujeitos.

Ainda na Categoria 2, na subcategoria Dificuldades que enfrentam para estudar, os familiares que convivem com os estudantes, partilham sua realidade:

Olha a dificuldade é a seguinte doutora, eles estudam aqui transportados por água. Você tem de tá dez horas do dia aquelas pessoas da quarta série em diante. Da primeira série o barco tá aqui sete horas, sete horas o barco tá no porto da sua casa. Até lá começar, oito horas. Já tá na escola. Na escola começa às oito horas. Depois você passa a ser transportado mais longe. A escola daqui ela funciona até a quarta série, quando você passa pra quinta série, você vai pra Jerusalém, que é um rio, vocês passaram lá. Aí você tem que sair nove horas daqui pra ser retornado sete horas da noite, seis, sete horas da noite. Muitas vezes você vai sem almoçar, você tem a mãe ou o pai tem que ter cuidado com o filho, preparar um bolinho ou fazer qualquer coisa pra ele reforçar uma merenda e às vezes você tem um centavozinho no bolso pra ele chegar lá, às vezes a merenda é um pouco fraca lá, a criança tá com fome, é um dia de fome. Ele vai ter um horário de merenda lá. Mas de lá pra cá ele vai gastar muitas horas pra chegar aqui. Ele tem que ter um centavo no bolso pra comprar um refrigerante, um biscoito ou um pacotinho de bolachas pra ele vir mastigando até chegar na casa do pai, porque a nossa vida aqui ela é uma vida cansativa. Tem muitos dias que você tem, mas tem muitos dias que você não tem. Então, como a gente tem nossos filhos, às vezes a gente deixa de almoçar, pra jantar junto com eles, vamos guardar almoço, não vamos almoçar e vamos guardar pra janta, pra jantar quando os meninos chegar, como várias vezes aconteceu com nós, nossos filhos chegam aquele pouco coloca na mesa e todo mundo como aquele pouco satisfeito pra ir dormir, pra no outro dia tá na batalha de novo. (Cabeça branca)

Na fala do entrevistado Cabeça Branca, é possível perceber o dia-a-dia de quem estuda nas comunidades da Ilha do Marajó, o transporte de barco, as dificuldades financeiras e as privações que estão acostumados a fazer para permitirem que seus filhos possam estudar. Ao chegarmos nessa comunidade para o acompanhamento do tempo comunidade e realização da entrevista, fomos muito bem acolhidos por essa família. Os traços no rosto evidenciavam o trabalho sob o sol e ao começarmos o diálogo com os estudantes sobre as atividades que foram propostas para serem desenvolvidas no tempo comunidade, os membros da família foram chegando e partilhando conosco as experiências vividas.

Partilhas sobre a dificuldade de acesso à saúde pública, que os moradores precisam se deslocar para outras cidades para uma consulta médica, sobre as inexistentes condições de saneamento, algumas casas não possuíam banheiro, pragas nas plantações, doenças nos animais e o descaso do poder público frente aquelas realidades. E a atividade ia sendo enriquecida não somente com orientações sobre os conhecimentos técnicos e possibilidades para aquela realidade, que eram realizadas pelo meu companheiro de viagem, professor do IFPA, Dr. Fernando Favacho, como também por situações que não podem ser desvinculadas do cotidiano daqueles estudantes.

Outro entrevistado coloca sobre as dificuldades de estudar em sua comunidade citando a ausência de professores naquela escola, o que dificulta a aprendizagem dos estudantes:

A dificuldade maior é dos professores, quando muita das vezes eles dão aulas três quatro vezes na semana, eles tão dando muito. Eles falham muito. E muitas das vezes eles querem botar a culpa no aluno, quando chega no final do ano, que a tua nota foi baixa, tu não passou. [...] e muitas das vezes eles descontam no aluno e o aluno não passa, e entra ano e sai ano, o aluno só aprende se tiver força de vontade, mas que se depender de professor

mesmo, o que eles querem é farra. Não são todos, mas tem uma parte que é assim. (João)

As dificuldades relacionadas à família, também aparece no relato dessa entrevistada:

Olha, principalmente quem tem família, ele acha difícil deixar porque vai sofrer, mas eu acho tempo perdido, eu acho que ele tem que correr atrás, pra dar um futuro melhor pra família. (Ana)

As histórias de vida dos estudantes e de suas famílias são histórias de luta diária, de sujeitos que conseguem transpor obstáculos e acreditar no poder transformador da educação, o que nos leva a insistir que na superação das desigualdades, a escola precisa proporcionar espaços para reflexão que contribuam com a construção de uma realidade mais digna e humana para estes sujeitos.

Já na categoria 3, Atividades desenvolvidas nas comunidades, os entrevistados relataram sobre a atividade que trabalham e como desenvolvem essa atividade.

Olha a gente trabalha sempre com a roça, o trabalho é com a lavoura, com a roça. A gente planta a mandioca, a gente planta o feijão, a macaxeira. É isso que a gente trabalha. (Cabeça branca)

Aqui o desenvolvimento que a gente sempre faz de produções é a criação do porco, da galinha do quintal, as pequenas roças e o manejo do açaí. Mas a gente já tá criando ideia também, tendo ideia também, pelo que meu primo tem trazido pra gente dos estudos, a gente já tá criando ideia pra trabalhar na plantação do bacuri-açu, o cupu e o cacau. São coisas que a gente tem vontade de fazer, que a gente ainda vai fazer, assim que ele se forme, tenha uma boa formação, a gente tá esperando isso dele pra nossa comunidade. (João)

Olha, primeiro é a roça. Quando entra o verão nosso trabalho aqui é na roça, fazer a roça, plantar, esperar aí dez meses pra ela amadurecer. Tirando da roça, vem o açaí que o açaí começa mês de agosto pra nós e termina em dezembro, o açaí ele é safra só. Chegou esse período, nós já tem que pular pra roça e aqui agora nós temos, querendo se segurar por outro lado, porque a crise chegou com nós e nos atingiu, a gente não esperava isso. E pra gente se segurar por outro lado, a gente tá fazendo tanque pra criar peixes, a gente já está com carro de frango pronto pra criar frango, tá com projeto pra criar porco preso porque se criar muito ele sai pra fora e ataca o plantio do outro e as pessoas não gostam e a gente tem que se segurar por esses lado aí por causa que só esperar de fora, pelo que nós tamos vendo, vai se tornar mais difícil, acho que chegando o ponto de 2020, 2025, já é eles que tenham que depender uma parte de nós, porque eles já não vão ter lá e nós vamos ter aqui, porque nós se prevenimo e antes que a crise caísse em cima de nós, é isso que nós tamos fazendo. (Marajó)

Considerando os depoimentos dos entrevistados percebemos que mesmo com tantas adversidades, estes sujeitos assumem uma posição de protagonistas, pois buscam com criatividade e sabedoria, transpor as dificuldades, inovando, criando formas alternativas de subsistência, mesmo nas condições em que se encontram. No que tange ao modo como aprenderam e como desenvolvem essas atividades, relataram:

Na criação eu aprendi assim olhando pro que meus avós, meus pais faziam. E trabalho na roça, também eu aprendi, acho assim que essa foi as primeiras educações que eles nos deram foi de ensinar a gente a trabalhar na roça como crianças e a gente aprendeu a plantar maniva, fazer os pequenos manejos, limpar as touceiras de açaí, assim. (João)

Olha, primeiramente eu agradeço a Deus de eu existir e o segundo o meu pai que me colocou no mundo e me aprendeu, me ensinou toda a teoria do trabalho por aonde ele estava, eu também tava, embora que eu não fosse fazer nada, mas eu tava espiando pra ele, como ele fazia, como ele cortava, como ele pregava, que meu pai ele era carpinteiro. Aí trabalho do campo também que ele quisesse que eu fosse, que não quisesse, mas eu já estava na proa do casco, lá pra ver como era o trabalho, arrancando um cipó do pé da maniveira, aí por aí eu cresci dentro do trabalho e aprendi. [...]. (Marajó)

Assim como nas falas dos estudantes pesquisados, percebemos na fala dos familiares, como se dá a relação de aprendizado dos sujeitos na agricultura familiar, com conhecimentos que são repassados pelos pais e na convivência coletiva do trabalho. Esta questão é importante para refletirmos nos momentos de planejamento das atividades para os estudantes, a fim de valorizar a construção coletiva nos processos formativos.

Na categoria 4, que trata da Importância dessa formação para sua comunidade, os entrevistados demonstram suas percepções sobre como a formação dos estudantes poderá contribuir com a sua comunidade, relatando se recebem orientações destes estudantes, mesmo ainda em processo de formação.

A minha esperança muito grande é isso, trazer pra nossa comunidade, pra nossa família, nós ter nosso custo de vida com mais um pouco de facilidade através deles. Plantar, criar, ensinar nós, que nós não tivemos aquela oportunidade que eles tiveram de ir lá, de estudar na universidade, então eles repassarem pra nós, pra nós ser assim um espelho, um novo olhar, esse aqui é nosso chefe.[...] E assim é ele, pedir a formação dele pra trabalhar, e ele estando do nosso lado, acho que vai mudar muito mais, cem por cento, vai melhorar a nossa comunidade, que eu tenho a máxima certeza. Se é pra nós ir buscar lá em Melgaço, nós gastar um dia de viagem, que você sabe, nós temos aqui, vamos ter o frango, nós vamos ter o nosso peixe, nós vamos ter o nosso porco, eu tenho fé em Deus, nós vamos ter a nossa melancia, várias coisas, nós vamos ter na nossa comunidade pra servir as nossas pessoas. Eu tenho máxima certeza, com fé em Deus, isso vai melhorar. (Cabeça branca).

Olha, eu acredito que isso é muito importante porque ele vem trazer sim, porque o que ele aprende lá, ele vai repassar pra essas crianças que tão aqui vindo, a nova geração, e eu tenho certeza que o que ele trazer de lá, ele vai repassar pra essas crianças. (Ana)

Ah, nós esperamos sim, essa formação dele, tá e os benefícios são assim os projetos. A gente já conversou eu, ele e o colega dele que a gente vá desde já trabalhando a fazer projetos. Só que ainda a gente tá esperando essa formação e isso ele vem trazer com toda a certeza pra nossa comunidade. (João)

Entendemos através dos depoimentos dos entrevistados que essa formação é percebida por estes sujeitos como imprescindível no desenvolvimento de suas comunidades, esperam

que através dos conhecimentos que os estudantes estão construindo, possam pensar soluções conjuntas para os problemas por eles enfrentados.

A escola precisa reconhecer este potencial criativo, transformador e assumir uma postura comprometida com estes sujeitos, no sentido de fortalecer as discussões, as lutas por uma educação que permita a construção de novos saberes, de novas perspectivas para estes sujeitos.

Relatam ainda como se dá o processo de diálogo, com os estudantes, referentes às orientações sobre as atividades desenvolvidas em suas comunidades:

Diariamente, quando estão do meu lado, os trinta dias que ele passam em casa, eu converso diariamente com meus filhos, quanto mais pergunto pra eles, que eles me explicam, mais alegre eu fico, porque sei que eles tão aprendendo coisa que eu não sei, pra mim é uma alegria muito grande. Porque quando eles repassam aquilo pra mim, eu fico alegre que só: olha meu filho já sabe tal coisa que eu não sei, poxa meu filho é assim. É pai vamos fazer assim que é melhor. Então pra mim é uma alegria grande porque tudo que eu converso com ele, ele me explica diferente daquilo que eu sei, porque daquele tipo que eu sei é o seguinte é muito cansativo. Você trabalha muito e produz pouco. (Cabeça branca)

[...] a gente já teve conversando e teve pedindo pra ele, aliás, ele deu informações boas. Ainda não pratiquei ainda, como plantar banana. Aqui nós procuramos um lugar bem queimado pra plantar um pé de banana. Aí ele falou que não é preciso tanto isso. Que os professores dele têm repassado pra ele, é que tem que juntar o resto da roçagem, né que a gente fala e puxar pro tronco da bananeira, que ela vai desenvolver melhor, vai dar os cachos maior, grandes. Então é isso aí que a gente tem conversado. Ele tem dado boa informação mesmo. A gente tá gostando e a nossa esperança é que ele traga esse conhecimento sempre pra nós. (João)

[...] já está me dando orientação, tá dando orientação principalmente do corte da maniva, como é pra nós cortar a maniva e plantar com a quantidade daqueles óleo que ela tem, como é que nós tem que fazer, até das árvores que foi ficar pra dentro da roça, foi ele que deu já essa ideia, nós não vamos tirar pai, nós vamos deixar porque isso aqui já vai ser um sustento pra terra mais longe. (Marajó)

Olha, às vezes ele chega e ele começa a comentar o que ele aprendeu lá, o que ele achou interessante. Aí ele começa a repassar aqui em casa pra minha filha principalmente [...]. Ela é uma pessoa que ajuda muito ele, que ele vai explicando e ela vai entendendo tudo e eu achei muito importante isso. (Ana)

Identificamos nas falas dos entrevistados a riqueza da relação que ocorre neste processo. Percebemos que a Pedagogia da Alternância proporciona uma autoformação coletiva (BRANDÃO, 2006), pois entre os tempos, tempo-escola e tempo-comunidade, os conhecimentos vão sendo partilhados e gerando um novo saber, pois conforme Freire (2005, p.67), “[...] Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. [...]”.

Na Categoria 5, sobre a Atuação em organizações sociais, os entrevistados revelaram sobre sua participação em associações, cooperativas ou sindicatos.

Ainda não. A minha participação que tenho tido assim é com ele, diretamente com sindicato assim não. Sempre agora a gente tá, a gente viu pelo bom interesse do meu primo, que tá trabalhando nessa formação boa, legal, como se diz né, e é com ele que a gente tem já até pensado assim que a gente acha que são essas coisas que os sindicatos, as pessoas repassam pra comunidade ou que tão repassando. (João)

Eu participo. Sou associado na colônia e faço parte da cooperativa e associação. Participo como membro, e os meus filhos que participam como coordenantes. Porque é uma série de gente assim que tira pra ordenar isso aí, tem o presidente, o vice-presidente, o tesoureiro, o vice tesoureiro. Um dos meus filhos tem uma função dessa lá. (Marajó)

Frente às situações vivenciadas por estas populações ressaltamos a importância da organização dos grupos, na conquista coletiva de demandas inerentes às suas realidades na área rural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca da Educação de Jovens e Adultos vêm acontecendo nos Institutos Federais, devido à existência de legislações e programas governamentais que trouxeram essa realidade pros Institutos, mais especificamente no IFPA, com o PROEJA. Esse estudo em questão investigou as percepções dos estudantes e dos membros de suas comunidades sobre o Processo de Formação da educação de jovens e adultos, no Curso Técnico em Agropecuária, PROEJA, no IFPA, *Campus* Castanhal.

As análises aqui apresentadas emergem da voz dos estudantes e dos membros de suas comunidades e possibilitam alguns conhecimentos sobre como o percurso formativo do curso está tendo relevância na vida dos estudantes e nas suas comunidades. Tecendo reflexões sobre as informações da pesquisa com os teóricos que balizaram este estudo, no destaque Paulo Freire, foi possível compreender algumas questões e descobrir outras, que até então estavam veladas, invisíveis ao nosso conhecimento.

Não há como negar o alcance do PROEJA aos estudantes da área rural. No *Campus* Castanhal é organizado na Pedagogia da Alternância. Percebemos ao final dessa pesquisa, as marcas de mudanças, de oportunidades que o programa trouxe a uma parcela da sociedade que até então, mesmo com a existência da legislação da EJA, não usufruía dessa educação.

A formação não só dinamiza a vida dos estudantes e de suas comunidades, como também interfere no próprio Instituto, porque abre espaço para discussões, para criação de novos saberes, de novas formas de educação. Com princípios da educação popular, desestabiliza algumas certezas e instiga a dúvida, a busca de espaços educativos múltiplos e significativos.

No entanto, ao conhecer a realidade destes sujeitos percebemos a dimensão da nossa responsabilidade como instituição de educação, não apenas na aprendizagem destes estudantes, mas na formação de um sujeito consciente de sua realidade, crítico e que possa contribuir na construção de uma vida mais digna para estes povos.

Desta forma, a pesquisa nos revela a necessidade de uma educação que possa transpor os documentos institucionais, as legislações e de fato se aproprie da realidade, para a partir dela, traçar propostas e planos de formação, seguindo a orientação da interculturalidade e do pensamento decolonial.

Compreender como o percurso formativo vem acontecendo, a partir da visão dos estudantes, é o primeiro passo para pensarmos com eles, na construção de novas relações de saber. Refletir sobre a escola, no sistema capitalista, que busca a adaptação do indivíduo, na normalização e padronização de planos; é fator importante para não oferecermos uma educação “falsa”, presente nos discursos e nos documentos, porém que não se efetiva na realidade, na criticidade.

Os resultados do estudo foram apresentados sob dois aspectos: O primeiro através das percepções dos estudantes e o segundo sobre as percepções dos membros das comunidades. Os depoimentos colhidos se cruzam com informações trazendo elementos comuns no dia-a-dia nas comunidades nas quais residem, como: dificuldade no acesso à educação, saberes experienciais e esperança na educação para a melhoria da qualidade de vida.

Na fala dos estudantes fica latente a busca por uma formação para contribuir na subsistência da família, na agricultura familiar, no agroextrativismo e na rotina dos membros das comunidades; o que cruza com as falas dos seus familiares, que reforçam o esforço em colocar os filhos na escola para serem multiplicadores destes conhecimentos nas comunidades.

No que tange à formação recebida, os estudantes afirmam a qualidade do ensino desenvolvido no *Campus*, porém identificam uma lacuna de maior interação e conhecimento por parte do Instituto, de sua realidade, de seus saberes e da importância de reconhecimento destes saberes para subsidiar a construção de planejamentos no percurso formativo.

Através das falas dos estudantes foi possível perceber que precisamos avançar na criação de espaços, em salas de aulas ou em outros espaços, para discussão sobre a interculturalidade, sobre o respeito à diversidade, ultrapassando a visão colonialista de uma cultura ser melhor que outra, de um sujeito ser melhor que outro, classificados em função do local que residem ou dos costumes e crenças que possui.

Neste sentido, o Instituto pode contribuir não velando as diferenças, as desigualdades e sim discutindo e valorizando os saberes dos estudantes, quer sejam da EJA, do curso regular ou da graduação; sujeitos que possuem culturas diversas que podem conviver na troca de experiências enriquecendo as relações e a teia de conhecimentos que é construída a todo o momento.

Importante destacar que nesta pesquisa, através da observação do cotidiano dos estudantes, durante as visitas às comunidades, verificamos nos sujeitos pesquisados discentes e familiares, um protagonismo frente às adversidades que enfrentam diariamente, com políticas públicas insuficientes ou ausentes; estes sujeitos não se acomodam, são criativos e possuem uma orientação para a coletividade, para a solidariedade.

A constatação desse protagonismo parece remeter para um caminho diferente, de uma formação mais ampla, uma vez que, apenas os conteúdos e as técnicas dificilmente seriam suficientes para a formação de um sujeito ético, solidário. Um sujeito capaz de transitar entre os saberes, entre as culturas, de forma consciente, crítica e atuante. E é nesta perspectiva que acreditamos que este estudo contribui no despertar, no refletir diário, sobre a educação, sobre os processos formativos; não esgotando aqui as dúvidas e as incertezas, mas deixando rastros para identificarmos novas questões, novos caminhos que precisam ser percorridos na esperança de uma educação que traga a possibilidade real de transformação social.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Bianca Pires. Um multiculturalismo à brasileira: a importância do reconhecimento das diferenças e da diversidade cultural no ambiente escolar. **RETTA**, Rio de Janeiro, v. III, n. 6, p. 21-32, jul.-dez./2012.
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G.C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 110 p.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Edições Câmara, 2014. 86 p. (Série legislação; 125). Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2016.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB 11/2000 – Homologado. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1e, p. 15 jun. 2000.
- _____. Ministério da Educação. Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja. Brasília, DF. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 27 jun. 2005, p. 4.
- _____. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [<http://www.jusbrasil.com.br/legislação/109922/decreto-2208-97>], acesso em 10/01/2016.
- _____. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 14 jul. 2006, p. 7.
- _____. Lei 9.394/96 de 20.12.96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília (DF): **Diário Oficial da União**. nº 248, de 23 de dezembro de 1996.
- _____. Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 1, 30/12/2008.
- _____. **Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024)**, PL nº 13.005/2010. Câmara dos Deputados. Brasília: 2014.
- _____. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Documento Base. Brasília, 2007.

CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentando**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992b apud VALLE, Lílian do. Castoriadis: uma filosofia para a Educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 493-513, maio/ago. 2008.

DESLANDES, S. F; GOMES, Romeu; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da solidariedade**. 2.ed. Gravação, transcrição e tradução de Walter Ferreira de Oliveira, Organização e supervisão da tradução de Nita Freire. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2016.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ. **Projeto Político Pedagógico**. Castanhal: IFPA, 2013.

MORAES, A.A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Universidade do Amazonas, 2000.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: UCB, 2003.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**, Curitiba, CRV, 2016.

OLIVEIRA, G. C.; ROCHA, G. O. R. Patronato Agrícola Manoel Barata: 85 anos de Ensino Agrícola no Pará. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 18, 2007, Maceió. **Anais ...** Maceió: EPENN, 2007.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira; CAMPOS, Marília Lopes de. A Pedagogia da Alternância e a Organização Curricular diante dos desafios da Educação do Campo. In: OTRANTO, Célia Regina; FAZOLO, Eliane; GOUVÊA, Fernando. (Org.). **Muito além do jardim – educação e formação nos mundos rurais**. Seropédica: EDU%R, 2012, v.1, p. 71-86.

PAIVA, Jane, **Direito à Educação de Jovens e Adultos; concepções e sentidos**. In: REUNIÃO DA ANPED, 29., GT 18, 2006.

PERRENOUD, Phillippe. **Os Ciclos da aprendizagem**. Um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004 apud ANDRÉ, Bianca Pires. Um multiculturalismo à brasileira: a importância do reconhecimento das diferenças e da diversidade cultural no ambiente escolar. **RETTA**, Rio de Janeiro, v. III, n. 6, p. 21-32, jul.-dez./2012.

RIBEIRO, M. Pedagogia da alternância na educação rural / do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 1, p. 27-45, jan.-abr. 2008.

SILVA, W. Atividade Filosófica na EJA: um relato de práticas interdisciplinares. **Revista Conjectura: Filos. e Educ.**, v. 19, n. 3, set.-dez. 2014.

_____. **Educação e autonomia no ciberespaço: interrogações sobre a EAD on-line**, Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 160f., Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, E.C.de (Org). **Autobiografias, História de Vida e Formação**: pesquisa e ensino. Salvador: EDUNEB: EDIPUCRS, 2006.

WALSH, C. **Interculturalidade e (des)colonialidade**: perspectivas críticas e políticas. CONGRESSO ARIC, 12, 2009, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2009.

7 APÊNDICES

Apêndice A - Questionário para caracterização do perfil socioeconômico dos estudantes participantes da pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Projeto de Pesquisa: Percepções de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal do Pará.

Mestranda: Andrea Maria Mello Costa Lima

Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva

Questionário: Dados de identificação

1 Nome de fantasia:

2 Endereço:

3 Sexo:

4 Idade:

5 Naturalidade:

6 Estado civil:

7 Têm filhos e quantos?

8 Número de pessoas que moram na casa e grau de parentesco:

9 Cor e ascendência étnica:

10 Renda familiar:

Apêndice B - Questionário para caracterização do perfil socioeconômico dos membros das comunidades participantes da pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Projeto de Pesquisa: Percepções de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal do Pará.

Mestranda: Andrea Maria Mello Costa Lima

Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva

Questionário: Dados de identificação

1 Nome de fantasia:

2 Endereço:

3 Sexo:

4 Idade:

5 Naturalidade:

6 Escolaridade:

7 Profissão:

8 Número de pessoas que moram na casa e grau de parentesco:

9 Cor e ascendência étnica:

10 Renda familiar:

Apêndice C - Roteiro para entrevista com os estudantes participantes da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Projeto de Pesquisa: Percepções de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal do Pará.

Mestranda: Andrea Maria Mello Costa Lima

Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM ESTUDANTES

Nome de fantasia:

Idade:

Sexo:

Data:

Horário:

Local:

1 Você poderia falar sobre a sua trajetória escolar, anterior ao seu ingresso no IFPA? (quando e onde começou a estudar, se ficou alguns anos sem estudar, destacando algumas experiências positivas e negativas vivenciadas);

2 Porque você fez a escolha de estudar no Curso Técnico em Agropecuária, na modalidade de PROEJA, no IFPA - *Campus* Castanhal? (Fale um pouco sobre as motivações que o (a) levaram a querer estudar neste curso)

3 Você poderia estar estudando se o curso não fosse desenvolvido na Pedagogia da Alternância?

4 Você poderia falar sobre a sua trajetória escolar no IFPA, desde o processo seletivo até os dias atuais?(destacando algumas experiências positivas e negativas)

5 Qual a importância da educação em sua vida?

6 Você desenvolve alguma atividade produtiva na sua comunidade? Quais?

7 Como você aprendeu a desenvolver estas atividades?

8 Estes saberes contribuíram com seu aprendizado no IFPA?

9 Na sua visão há relação entre os saberes que você já possuía, de sua prática na comunidade com os saberes construídos na escola?

- 10 Faça uma avaliação sobre a forma como o curso vem sendo desenvolvido (metodologia, avaliações, planejamento das atividades nos espaços de formação).
- 11 Quais as principais dificuldades enfrentadas por você neste curso?
- 12 Na sua visão, a sua formação tem contribuído ou poderá contribuir com a sua comunidade?
- 13 Você participa ou já participou de cooperativa, associação comunitária ou sindicato?

Apêndice D - Roteiro para entrevista com os membros das comunidades participantes da pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Projeto de Pesquisa: Percepções de Estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal do Pará.

Mestranda: Andrea Maria Mello Costa Lima

Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM MEMBROS DAS COMUNIDADES

Nome de fantasia:

Idade:

Sexo:

Relações de parentesco ou de relações sociais com o estudante:

Data:

Horário:

Local:

1 Você sabe o que é PROEJA?

2 O que você pensa sobre a formação no Curso Técnico em Agropecuária, na modalidade de PROEJA, ofertada no IFPA- *Campus* Castanhal?

3 Você acha que o estudante de sua comunidade poderia estar estudando se não fosse em uma turma de PROEJA, na modalidade de Alternância pedagógica?

4 Qual a importância da educação em sua vida?

5 Quais as principais dificuldades enfrentadas pela sua comunidade para estudar?

6 Você desenvolve alguma atividade produtiva na sua comunidade? Quais?

7 Como você aprendeu a desenvolver estas atividades?

8 Você já recebeu ou solicitou alguma orientação para o estudante do IFPA sobre sua atividade produtiva? Descreva como aconteceu.

9 Você acredita que esta formação poderá trazer benefícios para sua comunidade? Quais?

10 Você participa ou já participou de cooperativa, associação comunitária ou sindicato?

Apêndice E - Termo de consentimento Livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Projeto de Pesquisa: **“PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ”**

Mestranda: Andrea Maria Mello Costa Lima

Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa: “PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ”, que tem como pesquisadora responsável ANDREA MARIA MELLO COSTA LIMA, Matrícula 201513150026-1. Trata-se de uma pesquisa de mestrado, realizada sob orientação do professor Dr. Wanderley da Silva (UFRRJ), que tem como objetivo: Analisar as percepções dos jovens e adultos da turma do 2º ano do PROEJA sobre o processo de formação no Curso Técnico em Agropecuária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - *Campus* Castanhal.

A importância do presente estudo justifica-se pelo fato do Instituto Federal do Pará – *Campus* Castanhal ofertar turmas de PROEJA, na Pedagogia da Alternância e buscar uma consolidação através de estudos e experiências de percursos formativos que representem a realidade do público para o qual o programa PROEJA foi criado pelo Ministério da Educação. Com a pesquisa pretende-se contribuir com propostas exitosas de educação na área de educação de jovens e adultos e educação do campo, dentro de uma perspectiva de educação emancipatória para os sujeitos deste processo formativo.

A sua participação nesta pesquisa envolve uma previsão de riscos mínimos, pois concerne apenas em responder um questionário e participar de uma entrevista, sendo tomadas precauções quanto à identidade dos participantes. Os dados do presente estudo serão guardados e analisados em sigilo. A divulgação dos resultados ocorrerá em eventos e publicações científicas e será feita de forma a não identificar os voluntários. A dissertação será depositada na Biblioteca Central da UFRRJ, e será disponibilizada para consulta de outros pesquisadores e elaboração de trabalhos para publicação.

Ao término da pesquisa pretende-se propor a criação de fóruns e grupos de estudos para discussões e estudos sobre a temática, visando à construção de propostas exitosas de ensino na educação de jovens e adultos e educação do campo.

Posteriormente, se desejar sair da pesquisa, terá o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. O (a) Sr. (a) não terá custo de qualquer natureza e sua participação será inteiramente gratuita. Fica garantido o anonimato de sua identidade. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av.

Presidente Vargas, S/N, Saudade II, Castanhal – PA. Fone (91) 98873-3012, e-mail: amellolima2@yahoo.com.br.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado (a) sobre a pesquisa que será desenvolvida e o porquê da minha participação tendo entendido a explicação. Desta forma, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não terei ganhos financeiros e que posso sair quando desejar. (Este documento será emitido em duas vias, devendo 1 (uma) via ficar com o entrevistador e 1 (uma) com o entrevistado).

Data: ___/___/___

Assinatura do Entrevistado

Assinatura do Entrevistador

8 ANEXO

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Protocolo N° 752/2016

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado “*Percepções de estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre o processo de formação no Instituto Federal do Pará*” sob a responsabilidade do Prof. Wanderley da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Instituto de Agronomia, processo 23083.003421/2016-91, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 14/06/2016.

Jairo Pinheiro da Silva
Jairo Pinheiro da Silva
Pro-Reitor Adjunto de
Pesquisa e Pós-Graduação
Matr. SIAPE 1109555
UFRRJ

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação